

DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

A NOITE
DO
VAMPIRO



L P BACAN



A NOITE DO VAMPIRO

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro três

A NOITE DO VAMPIRO

CAPÍTULO 1

Falmouth no extremo sul da Inglaterra, à beira do Canal da Mancha, era uma agradável praia de veraneio durante o verão e um bom refúgio, no inverno, para aqueles cujo fascínio pelo tradicional animava uma viagem mais longa.

A baía abrigava recantos maravilhosos. Seus bares às beira do mar conservavam um toque de antiguidade na decoração marítima, valendo-se de todo tipo de despojos que a corrente jogava na praia.

Naquele outono, Falmouth vivia uma meia-estação, quando os veranistas retardatários deixavam suas praias, recolhendo as velas coloridas de suas embarcações e jurando voltar no próximo ano.

Ao mesmo tempo, os primeiros saudosistas começavam a chegar, circulando animadamente pelos bares e pelas ruas calçadas com pedras assimétricas de uma antiga pedreira nos arredores.

De todos os estabelecimentos, o mais visitado sempre foi o Old Fisherman. Seu proprietário aproveitara uma velha escuna, transportando-a para terra e reformando-a com muita originalidade.

Os visitantes subiam por uma rampa até o convés e, dali, podiam escolher a direção mais adequada ao seu temperamento. Havia um bar no porão, com velhos drinques e um alvo para arremesso de dardos.

Ali toda a decoração original fora preservada para dar aos marujos aposentados e mesmo aos frustrados, a nítida impressão de Haver se instalado numa autêntica embarcação audaz.

A cabina da tripulação fora reformada e ali se fizera uma boate. Havia um toque de mistério nas ossadas pressas à parede, fosforescentes à noite, sob as luzes apropriadas. A música era sofisticada e garotas com trajés sugestivos circulavam por entre as mesas, oferecendo cigarros, fotografias e recordações.

Na estreita pista de dança, os casais eram banhados por uma iluminação que os fazia se sentirem no fundo da água.

Naquela noite de outono, quando o tempo se fazia ameaçador e as ondas batiam mais fortes sobre a areia, era grande a freqüência na boate de Old Fisherman.

Garotas desacompanhadas e ansiosas por um programa de fim de férias ensaiavam seus melhores passos de dança, procurando chamar a atenção.

As mesas estavam tomadas e as poucas que restavam estavam reservadas. Com toda certeza, o proprietário estava satisfeito com a temporada.

A um canto, estrategicamente voltadas na direção da porta, Susan Portland, uma garota londrina em férias, conversava com sua amiga Mary Reading.

— E que tipo de sensação foi essa? — indagou Mary, intrigada com a expressão de Susan.

— Não sei se poderei descrevê-la corretamente... Era algo além daquela sensação que se tem de estar sendo vigiada. A noção exata que eu tive foi de ser perseguida durante todo aquele trajeto... Qualquer coisa no céu, invisível, mas perceptível, pairando sobre mim, quase me tocando... Não sei como não me acidentei com aquele carro — disse, e sua voz tremia ligeiramente.

O rasado voltava lentamente ao seu rosto, à medida que o uísque aquecia seu corpo. Por momentos Mary ficou em silêncio, olhando a

amiga, depois deu de ombros, mas não conseguiu pensar em nada convincente para tranquilizá-la.

— Acha que ele virá esta noite? — indagou, então.

— É possível. Ele tem vindo quase todas as noites. Senta-se ali, perto da porta e não tira os olhos de mim — afirmou Susan, muito convencida.

Mary sorriu disfarçadamente. Aquele Homem belo e elegante que vinha ali todas as noites não olhava para Susan. Seus olhares ardentes eram para Mary e nem todo o convencimento de Susan a faria pensar de outra forma.

Uma outra garota entrou pela porta e parou, por instantes, junto à pista de dança, olhando ao seu redor. Mary e Susan acenaram. Ela foi se juntar às duas.

— Meninas, que tormenta vem aí! — exclamou, tentando recompor os cabelos.

— Tormenta? — comentou Mary. — Está aí a sua resposta, Susan.

— Como assim? — quis saber a outra.

— O vento soprando nos galhos do bosque deve ter provocado aquela sensação que comentou.

— acha mesmo?

— De que estão falando, afinal? — quis saber Dora O'Hara.

Mary contou-lhe a respeito do que Susan Havia sentido no bosque. Dora ficou séria e seu rosto revelou temor, como se qualquer coisa naquela narrativa a fizesse estremecer.

— Onde foi isso mesmo? — indagou quando Mary terminou.

— Na estrada que margeia o bosque, você também está Hospedada por lá, não? — explicou Susan.

— Sim, e já tive essa mesma impressão, acreditem ou não.

— Ora, ora, garotas. O que temos aqui, afinal? — ironizou Mary descrente.

— É verdade, Mary. É como se qualquer coisa voasse em torno da gente, não é isso mesmo, Susan?

— Sim, é essa a impressão exata. Algo grande e monstruoso — exagerou.

— Exatamente — concordou Dora.

— Nesse caso, é melhor vocês duas trocarem suas impressões a respeito do monstro voador. Eu prefiro dançar — descartou Mary, levantando-se e deixando-as.

Na pequena delegacia de Falmouth, o Inspetor Charles Derby se preparava para mais uma noite tranqüila.

Agora que o verão se fora, diminuíram as ocorrências durante a noite. O esquema especial, preparado para o verão, fora relaxado e muitos dos policiais estavam tendo agora suas férias.

— aceita um chá, inspetor? — ofereceu seu assistente, Lester Sheffield.

— Sim, claro — aceitou o inspetor, deixando de lado o cachimbo e esfregando animadamente as mãos.

O telefone tocou. Ao olhar para ele, um pressentimento apossou-se dele. Após tantos anos de serviço, Charles Derby era capaz de farejar a encrenca chegando.

Antes que Lester atendesse, foi até lá.

— É o inspetor-chefe — informou.

— É muita sorte falar direto com o senhor. Aqui é William Aberdeen, de Salisbury...

— Em que posso ajudá-lo, Sr. Aberdeen?

— É sobre minha filha, inspetor. Ela foi passar o verão aí em Falmouth e deveria ter retornado há três dias...

— Entrou em contato com ela antes disso?

— Sim, ela nos telefonou infamando quando retornaria.

— Tem o endereço dela?

— Não, mas o número do telefone. Tentei entrar em contato com ela, mas o telefone não responde.

— Tranqüilize-se, Sr. Aberdeen. Dê-me o número do telefone e o seu. Vamos tentar localizá-la. Qual é o nome dela?

Momentos depois, quando desligou, Derby ficou em pé, confiando seus bigodes. Havia um cheiro de encrenca no ar, mas era algo muito vago.

Lester olhava-o interrogativamente.

— Uma garota, por certo, está gostando demais de suas férias e isso preocupa seus pais. Investigaremos mais tarde. Agora vamos àquele chá — sorriu Charles Derby.

O vento agitava as árvores da estrada, assobiando nos galhos, derrubando folhas que secavam com o outono. No mar, as ondas se tornavam mais furiosas e martelavam a praia em meio às nuvens de espuma.

Aquela era a estrada municipal que seguia em direção a Truro, onde se encontrava com a rodovia principal que conduzia a Londres.

Havia muitas colinas naquela região, com casas agora fechadas, após a temporada de verão. Em umas e outras se notava alguma luz, anunciando a presença tardia de seus proprietários ou sua chegada antecipada para o inverno.

Numa delas, solidamente cravada no alto de uma das inúmeras colinas, havia luzes em profissão. Pelas janelas abertas o vento penetrava com força, agitando as cortinas.

A ampla sala, mobiliada com luxo, estava vazia. Tudo estava em silêncio e apenas a presença do vento era notada, entrando pelos cômodos, subindo a escadaria e indo varrer os aposentos superiores.

Subitamente, destoando de toda a calma e de toda a beleza daquela sala luxuosa, uma sombra semi vergada desenhou-se numa das paredes, quando uma porta se abriu.

Lentamente, Torg foi arrastando o corpo da garota, enquanto olhava seu rosto pálido, onde se estampava uma expressão de mortal terror.

O corcunda parou no centro do aposento e deixou a garota sobre o tapete. Ela estava nua. Seu corpo perfeito estava intacto, a não ser por aquelas duas pequenas marcas em seu pescoço.

O corcunda sentou-se numa poltrona de couro e ficou um longo tempo observando aquelas formas perfeitas e aquela beleza rígida.

Suspirou, enquanto a expressão de seu rosto se alterava gradativamente. Pensamentos macabros provocavam-lhe a mais repugnante das sensações. Seus olhos inexpressivos se avermelhavam como se refletissem o fogo do inferno.

O vento que entrava pela janela agitou seus ralos cabelos. Ele apertou as mãos contra a cabeça, enquanto começava a sorrir.

Ergueu-se e suspirou. Ajoelhou-se ao lado da garota e deslizou suas mãos nodosas e ásperas sobre a pele macia e fria. Arrepios excitados percorreram seu corpo.

— Bela! — grunhiu, inclinando-se mais ainda para roçar seus lábios pelas carnes apetitosas.

Um vento mais frio pareceu soprar. Torg tomou-a nos braços e ergueu-se resolutamente. Olhou ao seu redor, depois caminhou para os fundos da casa, por onde saiu.

Relâmpagos cortavam o céu, iluminando o mar. Torg caminhava apressadamente agora, o corpo oscilando a cada passo, como se o equilíbrio prejudicado o fosse levar ao chão a qualquer momento.

Aquele corpo em seus braços, apertado contra seu peito, tinha um perfume que o excitava e tocava seus instintos mais bestiais.

Sabia o que fazer dela. Drácula já se saciara com seu sangue. Ela já estava morta e os despojos cabiam a ele. Sua esperança de rejuvenescer crescia, agora que Drácula agia livremente, escolhendo suas vítimas.

Desceu pela encosta da colina. Leve era a sua carga e suas forças cresciam, assim como o seu apetite. Folhas rolavam a seus pés, galhos oscilavam tetricamente em árvores descarnadas, iluminadas pelos relâmpagos que se tornavam mais freqüentes.

O corcunda ergueu-se a cabeça e aspirou aquele cheiro de mar e tragédia com indizível prazer. Gostava daquele cenário. A natureza desolada parecia alegrá-lo, pois se mostrava feia como ele.

Algum tempo mais tarde chegou ao seu destino. Depositou o cadáver da garota sobre uma rocha, depois olhou ao seu redor. Descobrira por acaso aquele local. Era exatamente o que precisava para esconder os corpos das vítimas de Drácula.

Aquela velha pedreira fora desativada há algum tempo. Suas muralhas desiguais permaneciam, agora, como um monumento à devastação humana, cortando ao meio uma montanha.

Ao pé, na cavidade produzida pela retirada de toneladas de pedras, formara-se um lago natural, alimentado pelas chuvas e pela umidade que escorria das rochas.

Um relâmpago mais próximo iluminou o corpo da garota e deu um brilho de sangue aos olhos do corcunda. Ele estremeceu, o apetite bestial fazendo seu sangue circular como fogo pelas veias.

Inclinou-se, acariciando o corpo da garota. Suas mãos curvas como garras penetraram pelos cabelos dela numa carícia bruta e perversa.

Firmaram-se ali, erguendo-a lentamente, até que seus instintos pudessem tocar os dela. Por instantes, seu hálito fétido varreu o rosto pálido e frio.

Depois, como se orgasmos abalasses seu corpo, Torg fechou-a em seus braços, apertando-a como se desejasse quebrar-lhe os ossos.

Sua boca pousou sobre a dela, aberta como as mandíbulas de um animal, faminto. Sugou, inicialmente, trazendo para entre seus dentes aquelas lábios que, outrora, teriam feito a loucura de muitos homens.

Num grunhido rouco e desumano, Torg, o horrível corcunda, mordeu-a.

O inspetor insistira mais uma vez, mas o telefone não era atendido. Devolveu o fone ao gancho, depois ficou tamborilando sua canela contra o tampo da mesa.

Do outro lado da sala, Lester Sheffield levantou a cabeça para olhá-lo.

A chuva chegara com força, empurrada pelo vento. Era uma péssima noite para uma investigação, mas Lester conhecia seu chefe. Quando algo o intrigava, jamais desistia.

— O que há, Charles? — indagou.

— Acho que temos o comunicado do desaparecimento de mais duas ou três garotas, não?

— Isso acontece durante a temporada de verão. Muita gente resolve não voltar direto para casa...

— Sei disso, mas ninguém comunicou o desaparecimento de um rapaz ou de um homem...

— Geralmente as mulheres preocupam mais quando se ausentam — comentou Lester, com um sorriso que Charles não correspondeu.

Lester percebeu, então, que a preocupação dele ia mais longe. Levantou-se e apanhou seu casaco.

— Aonde vai? — quis saber o inspetor.

— Aonde vamos? — retrucou o assistente.

Momentos depois, após haverem localizado o endereço pela lista telefônica, os dois rumavam para uma vila nos arredores da cidade.

Ambos conheciam bem o local. Dezenas de chalés eram alugados para os veranistas. Ali dispunham de todas as comodidades possíveis, além da proximidade do mar.

— Acredita numa epidemia de desaparecimento? — indagou Lester.

— Não acredito em nada por enquanto, meu amigo. As pessoas às vezes se preocupam por nada. Por isso investigaremos.

— Que péssima noite para uma investigação — sorriu Lester.

— Ossos do ofício.

Algum tempo mais tarde chegavam ao local. A chuva caía torrencialmente e aquilo era um indicio da chegada de um inverno rigoroso.

Foram até a casa do gerente, um homem afável, de olhos miúdos que denunciavam um observador de primeira. Após as apresentações, Charles indagou sobre Joan Aberdeen.

O homem vasculhou seus registros. Sorriu, finalmente, levantando a cabeça.

— Aquela marota! — exclamou. — Enganou-me todo o tempo.

— O que quer dizer com isso? — quis saber Lester.

— Sempre me pareceu uma garota honesta, mas, justamente no dia de acertar as contas, ela partiu sem deixar vestígios.

Charles e Lester trocaram olhares surpresos.

— Deixou todas as suas coisas no chalé. Eu as reuni e guardei nas malas. Se não tiver mais notícias dela, vendo-as para recuperar o prejuízo.

— Só um momento, senhor. Quer dizer que ela foi embora sem pagar a conta, deixando todas as roupas e apetrechos?

— Sim, inclusive algumas jóias que... Espero... Ajudem-me a recuperar o que perdi.

— Não me parece muito normal isso. Teve casos assim antes?

— Não, inspetor. Quando alguém parte sem pagar a conta leva o essencial e o mais valioso. Acho que, no fundo, essa garota era mesmo honesta. As jóias...

— As jóias e todas as outras coisas serão confiscadas, senhor. Estou certo que a família se encarregará de cobrir seus prejuízos.

— Não vou me opor à lei — concordou o homem, fácil demais. — Vou apanhar as malas, então.

Lester olhou seu chefe. A garota não deixara apenas as jóias e as roupas. Deixara seu dinheiro também. E isso era muito estranho.

CAPÍTULO 2

Torg caminhou pelo corredor frio da adega. Era madrugada. Naquela noite Drácula não se levantara, saciado de sangue, adormecido pesadamente.

Dois, três ou quatro dias... Quem podia calcular quanto tempo ele dormiria? Quando se levantasse novamente partiria à caça, trazendo nova vítima para aquela casa. Seu sangue seria sugado e o cadáver caberia a Torg.

Sorriu, enquanto arriscava uma olhada discreta para o interior daquela cela úmida, no corredor da adega. Podia divisar o esquife no centro, com seu conteúdo macabro. Tudo estava bem com seu mestre. Torg retornou para o térreo da casa.

Sentou-se comodamente na confortável poltrona de couro e estirou o corpo disforme. Pensou na garota que jogara no lago aquela noite. Era bonita, muito bonita e sua carne tenra. O corcunda estalou a língua inconscientemente.

Olhou ao seu redor. Estava ansioso para se olhar no espelho, mas Drácula ordenara que todos fossem levados para o sótão. A curiosidade aumentou dentro dele. Erguendo-se e rumou para a escadaria que o levaria ao pavimento superior.

Gostava daquela casa. Ela o fazia se lembrar do castelo de Tisza. Fora uma escolha perfeita. Em suas andanças pelo mundo, naqueles cem anos, pudera conhecer muitos lugares.

Falmouth era um local tranquilo e adequado. Os veranistas constituíam uma população flutuante a oferecer todas as vítimas de que Drácula necessitava. Os turistas de inverno supriam as necessidades nesse tempo. A população da cidade se encarregaria de alimentar Drácula durante o resto do ano.

Empurrou a porta no fim do corredor e subiu por uma escada às escuras. Era algo que podia fazer facilmente. A ausência da luz não o incomodava. Seus olhos o serviam em qualquer circunstância.

Abriu uma última porta. Havia uma vidraça molhada a sua frente, por onde os clarões dos relâmpagos penetravam, provocando um estranho efeito nos espelhos amontoados contra as paredes.

Torg suspirou emocionado e procurou o interruptor da luz. Aquilo era algo que precisava ser bem visto, com todas as luzes possíveis.

Sua imagem se refletiu nos espelhos, multiplicando-se infinitamente. Ele caminhou um pouco mais, até estacar diante de um espelho maior.

Olhou-se e uma expressão de desalento tomou conta de seu rosto. Ali estava a mesma imagem grotesca de sempre, sem uma ruga a menos, sem um defeito a menos.

Apalpou-se, examinando sua pele, olhou-se nos olhos, abriu a boca assustadora. Era o mesmo e infeliz Torg, deteriorando pelos anos, inutilizado fisicamente, despojado de toda e qualquer beleza.

Abaixou a cabeça, infeliz. Respirou fundo. Precisava confiar em seu mestre. Ele lhe prometera um novo corpo, belo, capaz de atrair as mulheres.

Sem isso, Torg jamais poderia experimentar aquele prazer antigo, cuja simples lembrança provocava frêmitos em seu corpo.

Os fatos já se confundiam em sua memória, após tanto tempo. Ele e Vlad eram amigos, até que a maldição se abatesse sobre eles, unindo-os ainda mais.

A Vlad coube a maldição total. A Torg uma parte... Mas eram bons tempos, podia se lembrar. As orgias, os festins, os bacanais violentos, onde toda sorte de prazeres era posta à disposição dos homens da família Drácula, dos amigos, como Torg, e dos convidados.

As mulheres sobravam naquelas festas. A lembrança de tê-las em seus braços, os lábios devorando aquelas peles macias e perfumadas, aquelas carnes mornas e apetitosas o fazia se revoltar contra o destino.

Mas Drácula lhe prometera um corpo novo. Quando o tivesse novamente, poderia se aproximar daquelas belas e vivas garotas que circulavam pela praia, com suas roupas minúsculas e suas peles bronzeadas, exibindo elegância e provocação.

Recuou lentamente para a porta e desligou a luz. Os relâmpagos voltaram a se refletir com intensidade nos espelhos, como chamas que brilhassem momentaneamente.

Os dois policiais examinando atentamente o conteúdo daquelas malas. Não restava dúvidas de que Joan Aberdeen desaparecera por algum motivo misterioso. Suas roupas, suas jóias e suas malas demonstravam que ela vinha de uma família abastada, onde problemas de dinheiro deveriam ser inexistentes.

Além disso, havia coisas que uma garota jamais deixaria para trás, se pretendesse deixar a cidade às pressas.

— Qual é a sua teoria? — indagou o inspetor-chefe a seu assistente.

Lester acendeu mais de seus cigarros sem filtro, depois foi até a janela. A chuva cessara por algum tempo. A madrugada avançava tranqüilamente agora.

— As coisas que ela deixou... Não sei, Charles. Acho que ela não fugiu daquela vila para não pagar as despesas. Por algum motivo ela saiu de lá e não voltou, não por vontade própria, mas por algum imprevisto além...

— Um acidente?

— Talvez... Já tivemos casos de alguns malucos velejando à noite e se deixando apanhar pela corrente, direto para os recifes.

— Tivemos algum comunicado disso?

— Nos últimos dias, não, mas aqueles recifes são traiçoeiros. Um barco pode afundar ali e ser reduzido a escombros pelas forças das águas...

— Isso pode ter acontecido... Pode imaginar em que vai implicar uma investigação como está?

— Sugiro começarmos pela companhia de ônibus, pelo trem, mas não sei onde isso vai levar. Se ela saiu daqui, junto com tantos outros veranistas, quem se lembrará dela?

— Alguma amiga... Aqueles chalés são próximos. Basta verificar os registros.

— Cuidarei disso e dos transportes também.

— Sim, mas, antes disso, vamos dar uma olhada no registro dos desaparecidos mais uma vez. Vamos ver o que mais está acontecendo por aqui.

— O pessoal lá só chega pela manhã...

— Esperaremos... Ainda tem mais chá?

A manhã brilhava radiante sobre Londres, reforçando o colorido das roupagens vistosas dos Granadeiros, enquanto a banda desfilava diante do Palácio de Buckingham.

Nas festivas lojas de Carnaby Street havia um alvoroço de jovens aproveitando as liquidações de verão. Na King's Road, um táxi freou junto ao meio-fio e um homem, envergando um austero sobretudo, desceu apressadamente.

Por instantes olhou o letreiro do prédio diante dele. Era uma das mais importantes editoras do país. Depois, resolutamente, apertou nos braços a pasta de couro que levava e caminhou para a porta de entrada.

Parecia conhecer aqueles corredores, caminhando daquela forma, com certa ansiedade no rosto envelhecido prematuramente.

Parou, finalmente, diante da secretária do diretor da editora. A garota levantou os olhos para ele.

— Sou o Professor Hilgenstiller. O Sr. Donaldson pediu-me que viesse...

— Sim, ele o atenderá num minuto, professor — respondeu a garota, levantando-se e entrando por uma porta.

Momentos depois, retornou e fez um sinal para que o cientista entrasse. Nervoso, o professor apressou-se em fazer o que lhe fora pedido.

Entrou pela sala mobiliada com gosto e parou diante da mesa do diretor.

— Como tem passado? — cumprimentou o outro, estendendo a mão.

— Ansioso, Sr. Donaldson.

— Posso compreender — comentou o outro, num tom de voz indefinível. — Sente-se, por favor — pediu, enquanto apanhava um volume numa de suas gavetas.

Depositou-o sobre a escrivaninha, olhou-o por instantes, depois encarou o professor.

— Professor Hilgenstiller, pelo que li neste livro, posso considerá-lo um dos maiores especialistas em vampirismo da atualidade, mas esta história que me apresentou é irreal demais, fantasiosa, absurda.

— Julga isso uma obra de ficção, Sr. Donaldson?

— E não é?

A expressão do rosto endureceu-se. O professor depositou sua pasta sobre a mesa, abriu-a e retirou alguns papéis. Estendeu-os para o outro.

— Aqui estão as provas dessa... Ficção, caro senhor.

Donaldson apanhou, com certa estranheza, aqueles papéis, passando a lê-los. Seu rosto incrédulo se cobriu de dúvidas.

— É a certidão de óbito da jovem que... E do policial que... Quer me fazer acreditar que tudo que está aqui, neste livro realmente aconteceu?

— Tão certo como Deus está no céu — respondeu o professor.

Donaldson voltou a ler os papéis. De alguma forma, tudo o que estava no livro podia ser provado através daqueles documentos, com exceção da existência daquele misterioso personagem.

— E quanto ao Conde Drácula, professor? Afora esse detalhe, tudo o mais em sua história pode ser confirmado...

— Há um livro antigo que fala de sua genealogia, mas não pude trazê-lo. Pertence ao acervo municipal da cidade de Kizna. Mas a família existiu realmente, bem como o último deles, Vlad Drácula. Um incêndio destruiu a totalidade dos registros da prefeitura da cidade, impossibilitando qualquer outra comprovação.

O editor reclinou-se em sua poltrona, acendeu lentamente seu cachimbo, depois encarou o professor. Ou aquele homem era maluco ou muito esperto.

— O atestado de óbito diz que sua filha e o policial morreram vítimas de um lobo...

— Se eu contasse a verdade, alguém acreditaria em mim? — respondeu simplesmente.

— É uma boa história, professor, mas é um tipo de literatura que não mais impressiona. Vampiros, lobisomens, zumbis são, hoje, personagens de desenhos infantis. Não metem medo em ninguém.

— Eu não quero meter medo em ninguém, senhor. Quero apenas alertá-los para o que aconteceu. Da mesma forma como julgaram havê-lo destruído há cem anos, aquele monstro pode não ter sido destruído também agora.

— E onde estaria ele agora? Na Hungria, onde sempre esteve, longe demais para recuperar nossos leitores. Agora, se me escrevesse sobre o Estripador...

— Sou um cientista, senhor, e penso que não entendeu o que pretendo com isso. Acho inútil continuarmos. Permita-me? — finalizou o professor, apanhando os originais do livro que escrevera e retirando-se.

Já na calçada, parou um instante para respirar. Olhou o livro. As recordações fatídicas ainda estavam presentes em sua memória. A morte da filha, a destruição definitiva do castelo, todas aquelas mortes lamentáveis e um pavor imenso ainda torturava sua alma.

Talvez estivesse à beira da loucura acreditando em tudo aquilo. Jamais conseguiria convencer alguém de sua credibilidade. Talvez estivesse mesmo maluco.

O melhor a fazer era desistir daquela cruzada inútil e voltar à Universidade, onde um cargo o esperava desde a sua volta ao país. Mas a estúpida e torturante morte de Larah ainda pesava em sua consciência, fomentando um ódio insano contra aquele ser maldito que gerava toda aquela desgraça.

Um consolo era pensar que o destruíra, atando fogo ao castelo. Mas, mesmo essa idéia, não era definitiva. A sensação de que lutava contra uma força indestrutível pouco a pouco se tornava mais forte em seu espírito.

— Deus queira que eu esteja errado! — murmurou ele, enquanto começava a andar pesadamente pela calçada da King's Road.

A noite chegara mansamente sobre Falmouth.

As chuvas passageiras haviam se afastado e um céu limpo se oferecia. Uma lua magnífica se refletia sobre o mar e se derramava generosa em claridade sobre as colinas, reforçando o aspecto poético e convidativo da região.

Susan consultou o relógio, depois saiu à janela. A noite estava mesmo linda. Ela bocejou. Tudo estava pacato demais. Nada de novo acontecia, desde que o outono chegara.

Talvez devesse voltar para Londres, onde as coisas começavam a acontecer durante o outono. Bocejou novamente e voltou para o centro da sala, deixando o corpo se acomodar sobre macias almofadas.

O telefone tocou, atrás dela. Estendeu o braço e apanhou-o. Era Mary.

— Algum programa especial esta noite?— indagou Mary.

— Não, nada de novo.

— Estou com dois cavalheiros que acabaram de chegar de Londres e estão ansiosos para experimentar um barco que compraram. O que me diz de um passeio ao luar esta noite?

— Como são eles? — retrucou Susan, interessada.

— Muito ricos e generosos. Como se não bastasse, são bastante simpáticos, o tipo agradável do executivo bem sucedido. O que me diz?

— Parece-me tentador...

— Nós a esperamos no cais, então, dentro de uma hora. Está bem assim?

— ótimo! Vou me trocar e estarei aí a tempo de zarpar — prometeu, desligando.

Levantou-se lépida e foi para o quarto. Separou algumas roupas apropriadas para aquele tipo de programa, depois se despiu e foi para o banheiro.

Retornou pouco depois, o corpo nu perfumado com esmero, os cabelos escovados com naturalidade. Vestiu-se, em seguida, depois apanhou sua bolsa.

Deixou o chalé e foi apanhar o carro. Quando estava na estrada, rumando em direção à cidade, lembrou-se daquela desagradável sensação da noite anterior.

Ainda levaria alguns minutos para atingir aquele trecho do caminho, mas um arrepio instintivo a fez morder o lábio inferior com apreensão.

— Ora, Susan! — exclamou, tentando sorrir.

Por precaução, porém, fechou os vidros do carro. Depois ligou o rádio. A música suave afastou aqueles pensamentos assustadores.

A calma da noite contagiou-a. O brilho da lua sobre as árvores quase sem folhas provocava um efeito bonito e sugestivo.

Susan cantarolou, pensando no programa daquela noite. Estava, mesmo, precisando de algo como aquilo. Uma noite bem divertida, com boas companhias era tudo que precisava para se sentir viva.

Repentinamente, fazendo seu sangue gelar e um arrepio percorreu-lhe a espinha, qualquer coisa grande e repugnante esvoaçou ao lado do carro.

Tudo não durou um décimo de segundo, mas Susan jamais se viu tomada de tanto pavor. Seu pé comprimiu o pedal do freio, fazendo o veículo derrapar perigosamente sobre os pedregulhos da estrada, atravessando-a.

Uma segunda vez aquela sombra assustadora passou ao lado do carro, fazendo a garota se assegurar de que não era apenas uma sensação, mas algo real. Na posição em que o carro se encontrava, o melhor a fazer era endireitá-lo e rumar de volta para casa. Jamais poderia atravessar aquele bosque novamente. Não importava o que fosse aquela sombra. Susan não queria revê-la.

Acelerou o veículo, afastando-se dali, mas aquela sensação sufocante de estar sendo espreitada e seguida gelava sua medula e punha um grito atravessado em sua garganta.

Mary e os cavalheiros que a desculpassem, mas naquela noite Susan não seria uma boa companhia.

CAPÍTULO 3

Susan certificou-se de que portas e janelas estavam bem trancadas, depois apanhou uma garrafa de gim e serviu uma dose generosa.

Suas mãos tremiam ao levantar o copo à altura dos lábios. Batidas na porta a fizeram estremecer, derrubando o conteúdo do copo sobre o tapete.

Recuou lentamente, o pavor aumentando dentro de si. Olhou o telefone. As batidas insistiram, firmes e fortes na madeira da porta, ecoando nos tímpanos da garota como a pior das ameaças.

— Srta. Susan! — Chamou uma voz masculina, ligeiramente rouca, mas agradável e antiga.

— Quem está aí? — animou-se a indagar.

— Meu nome é Vlad Lucard, nós nos conhecemos no Old Fisherman, lembra-se?

Por momentos ela permaneceu estática, depois, num gesto de pura vaidade, correu até o espelho e olhou-se. Sorriu feliz. Estivera certa o tempo todo. Aquele homem belo e misterioso que se sentava perto da porta olhava para ela.

Foi até a porta, soltou o fecho de segurança, depois girou a chave. Abriu-a lentamente. Ali estava ele, belo e sedutor, vestido de preto.

Vlad sorriu e seus olhos se fixaram nos olhos dela. Susan sentiu um arrepio de prazer percorrer seu corpo jovem e provocante.

— Eu estive na boate e não a vi. Sua amiga me deu o endereço.

— Refere-se a Mary?

— Sim.

— Deve ter custado muito a ela — sorriu a garota, dando-lhe passagem.

O homem passou por ela, olhando as paredes da sala. Após fechar a porta, Susan se apoiou à madeira para olhar aquela figura máscula e fascinante.

A cor preta caía-lhe muito bem, ressaltando aquele ar misterioso e quase sinistro.

— Quer tomar alguma coisa? — indagou ela.

— Não obrigado! Você estava de saída? Não estou incomodando, estou?

— De modo algum. Eu tinha um compromisso, mas acabei de cancelá-lo.

Vlad sentou-se no amplo sofá. Por instantes Susan ficou parada diante dele, depois se sentou ao seu lado, observando as maneiras elegantes e sóbrias daquele homem.

Ele a examinou atentamente, sorrindo misteriosamente, como se antegozasse algum secreto prazer. Sua mão estendeu-se, pousando sobre o braço de Susan.

Um arrepio instintivo percorreu seu corpo. Aquela mão era fria como o gelo, mas seu toque era sensual, dominador, como se uma espécie de energia interior emanasse daqueles dedos.

Olhou-o nos olhos. Vlad sorriu, enquanto a puxava lentamente para si, Susan não resistiu não podia resistir, jamais conseguiria resistir.

O fascínio daqueles olhos roubava-lhe a vontade, como se a devassasse interiormente, descobrindo suas fraquezas.

Próximos, muito próximos estavam seus rostos agora. Lentamente os olhos de Susan foram se fechando, enquanto se entregava à magia daqueles braços que rodeavam seu corpo.

Vlad resvalou seus lábios pela face da garota. A cabeça de Susan pendeu para trás. Seu alvo e torneado pescoço se expôs. Os olhos dele se cravaram naquela veia latejante e intumescida.

Ele estremeceu. Seus olhos se abriram desmedidamente. Estrias sanguíneas desenharam-se neles. Sua boca roçou o pescoço da garota. Suas mãos apertaram-na com mais força.

Lentamente presas pontiagudas e enormes foram sendo descobertas em suas gengivas. Um frêmito excitado percorreu o corpo do vampiro. As presas roçaram a pele da garota, arrancando um filete de sangue que foi sugado avidamente.

O telefone tocou, estridente. Susan libertou-se dos braços de Drácula e pôs-se em pé num salto. Levou a mão ao pescoço. Depois olhou horrorizada os lábios lambuzados de sangue.

— Que diabos você pensa que...

A campainha soou novamente. Drácula pôs-se em pé num salto, os braços abertos prestes a envolver a jovem, que recuou para a porta do quarto, batendo-a e trancando-a nervosamente.

Susan não conseguia compreender. Aquela dor em seu pescoço, o sangue nos lábios dele, a campainha soando. Recuou até tropeçar na cama e cair sobre ela.

O quarto estava às escuras. O pavor tomou conta dela. Esperou, a qualquer momento, que ele tentasse arrombar a porta. Um silêncio mortal e fúnebre, no entanto, pairou dentro de casa.

O telefone cessara de tilintar. Susan levantou-se lentamente, olhos fixos na porta. Qualquer coisa morna e constante escorria entre seus dedos.

— Oh, Deus! — exclamou ela, ao certificar-se de que o sangue escapava livremente pelo seu pescoço.

Qualquer coisa brilhou diante dela, junto à porta. Uma fosforescência foi crescendo, crescendo, até assumir o formato de um corpo masculino.

Por instantes ela percebeu o rosto de Vlad Lucard, antes que a escuridão voltasse. Ela recuou para a cama novamente. O som apressado e pesado de uma respiração animalesca era ouvido nitidamente.

Olhou a janela. Poderia abri-la e gritar por socorro, mas era como se compreendesse a inutilidade de seu gesto ou alguma coisa a envolvesse e dominasse sua vontade.

O cheiro adocicado de seu sangue assanhou o vampiro. Ele caminhou para a garota, envolvendo-a em seus braços. Susan ficou estática quando aquele hálito apressado e frio varou seu pescoço.

Drácula esfregou-se a ela numa volúpia indescritível, enquanto seus lábios pousavam sobre a ferida sangrenta e ele sugava com avidez e prazer a seiva da vida.

Na chefatura, Charles terminava de tomar seu chá, quando Leste chegou. Por instantes o assistente foi até a janela e olhou a noite bela e convidativa.

— Demônios, Charles, mas gostaria de morrer numa noite dessas! — exclamou.

— E o que há de especial com esta noite?

— Já viu lua mais bonita e mais radiante?

— Estamos na cheia, não?

— Claro que sim, inspetor-chefe — sorriu Lester, após pendurar seu casaco. — Alguma novidade.

— De minha parte, nada. E você?

— Ninguém na rodoviária e na ferroviária se lembra dela. Pode ter pegado uma carona, se foi embora. Mas já eliminamos essa hipótese, não?

— Precisamos checar todos os detalhes, meu amigo. Falei novamente com a família. Ela me deu alguns nomes de amigos. Entrei em contato com a Scotland Yard e pedi que localizasse alguns deles.

— Uma boa idéia. Talvez a garota tenha ido com algum amigo para casa e... Eu duvido, inspetor. Eu duvido.

— Está tendo o mesmo pressentimento que eu, não?

— Sim, parece-me que está no ar que ela morreu ou foi morta...

— Acho que devemos reunir numa só investigação os outros desaparecimentos. Quatro garotas ao todo, todas jovens e bonitas. Veja essas fotos — disse, indo apanhar um envelope em sua mesa.

Estendeu-o ao assistente. Lester o abriu e observou as fotografias. Eram, realmente, belas garotas.

— Vou mandar fazer algumas copias dessas fotos e soltar nossos cães de caça pela cidade. Talvez alguém, em alguma parte, as tenha visto.

— Já fiz isso, Lester.

— E descobriu alguma coisa?

— Parece-me que todas elas freqüentavam o Old Fisherman. É o único detalhe comum entre todas.

— O Old Fisherman... Mas aquilo é um local de classe, muito caro e...

— Talvez drogas... O que me diz?

— É possível. Vai investigar o local?

— Já está sendo feito.

— Você pensa em tudo, não?

— Por isso sou o inspetor-chefe, Lester — sorriu Charles Derby, indo apanhar mais um pouco de chá.

— Para quem não tinha nenhuma novidade, você está me surpreendendo — ironizou o assistente, indo apanhar sua xícara.

Torg jamais compreenderia aquela metamorfose. As cortinas esvoaçaram mais alto numa das janelas e aquele vulto negro e horrendo entrou, as asas fechadas como uma flecha.

Rente ao chão, elas se abriram e o enorme morcego planou até junto da parede. Ali, uma fosforescência envolveu-o até que a forma negra brilhasse intensamente, crescendo, em seguida, até adquirir o formato de um ser humano.

Quando a luz se foi, Vlad Drácula caminhou ao seu encontro. Os olhos injetados do vampiro provavam que satisfizera sua necessidade de sangue.

— Há uma vila de chalés à beira-mar, umas duas milhas daqui. No chalé número cinco há uma garota. Você sabe o que fazer com ela.

— Sim, mestre. Irei logo mais — respondeu o corcunda, com indisfarçável emoção. — Ainda vai sair?

— Sim, talvez vá ate a cidade. Aquele local me atrai. Há garotas por lá e preciso encontrar minha próxima vítima. Não sabe como é emocionante conquistá-las pelo olhar, arrebatá-las e deixá-las em suspense, aguardando uma palavra apenas de meus lábios para se jogarem aos meus pés — disse o vampiro, com orgulho.

A expressão do rosto de Torg se tornou, contra sua vontade, feroz. Ouvir Drácula falar daquele modo era como aguilhoar com ferro quente seu coração torturado.

Só então Drácula percebeu a inveja estampada nos olhos dele. Sorriu, exibindo as presas enormes e brilhantes.

— Fique tranqüilo, meu bom Torg. Vamos encontrar um bom corpo para você, esteja certo disso. A eternidade nos espera, o tempo não importa. Por que tanta impaciência? Não vale a pena esperar o que há de melhor?

— Claro que sim, mestre — concordou, submisso.

Ia caminhar na direção da porta, mas Drácula o deteve com um gesto. O vampiro caminhou junto aos móveis, esfregando o indicador sobre a poeira acumulada.

— Torg, sou um homem de classe. Se pudesse imaginar minha mortal aversão por poeira, manteria isso brilhante, mas... Sei que pretendia dizer. É trabalho feminino, não? Pois contrate uma empregada.

— Isso é perigoso, mestre. Ela pode ser bisbilhoteira e acabar encontrando-o...

— Você a vigiará... Apenas isso, meu amigo. Você a vigiará e a deixará fazer seu trabalho. Mantenha-a longe do corredor da adega e não teremos problemas. Alias, isso servirá para dar uma aparência ainda mais respeitável a nossa casa.

— Eu procurarei uma agência pela manhã...

— Ótimo. Agora vá cuidar do corpo daquela garota. Aproveite enquanto a rigidez e a frieza não tiraram de suas carnes aquele sabor que você aprecia. E ao invés de cravar-lhe uma estaca no coração, devore-o.

O carro percorria velozmente a estrada, atravessando o bosque. Por momentos Mary lembrou-se do que Susan dissera a respeito daquele local. À luz da lua aquelas árvores desfolhadas não pareciam tão assustadoras. Numa noite escura, no entanto, tudo poderia ser diferente.

Os cavalheiros estavam em silêncio. Um deles dirigia com atenção, enquanto o outro se sentava ao lado de Mary, mantendo o respeito aparentemente.

Talvez ele estivesse levando em consideração a preocupação da garota pela amiga. Haviam aguardado no cais. Como Susan não apareceu, Mary ligara para o chalé.

Não obtendo resposta, julgou que a amiga estivesse a caminho. Uma hora mais se passou e Susan não apareceu, o que a pôs apreensiva.

Momentos mais tarde chegavam à vila. Susan apontou o chalé ocupado por Susan e o motorista manobrou até lá.

— Ela não saiu, ali está seu carro — apontou Mary.

— Talvez sua amiga tenha desistido do programa — disse um deles.

— Acho estranho, então, que não tenha atendido ao telefone...

— Talvez esteja com alguém... Sabe como são essas coisas, não?

— Vamos nos certificar, então — decidiu Mary, descendo e indo até a porta.

Hesitou, por instantes, antes de bater. Susan poderia estar acompanhada e seria desagradável interromper algum bom momento.

Pensou que seria melhor, portanto, deixá-la em paz, ao olhar o carro de Susan, qualquer coisa a alertou. Os faróis ainda estavam acesos e a porta estava aberta.

Intrigada, foi até lá, Susan jamais deixaria a chave no contato, a menos que alguma coisa tivesse feito sair do veículo às pressas.

O farol ligado, a porta aberta e as chaves ainda ali pareciam confirmar essa hipótese.

— Algo errado, Mary? — indagou um dos homens, descendo.

— Não sei... Parece que há qualquer coisa estranha por aqui — afirmou, batendo resolutamente na porta.

A batida de sua mão fechada, a porta abriu-se lentamente. Um arrepio gelado percorreu a espinha de Mary.

— Susan! — chamou ela, entrando com precaução.

Nenhuma resposta. Olhou a porta do quarto. Foi até lá e bateu.

— Susan! — insistiu, experimentando o trinco.

A porta estava fechada por dentro. Os dois acompanhantes se aproximaram, compartilhando de sua preocupação.

Os dois cavalheiros se entreolharam, apreensivos agora por seus próprios motivos.

— Mary, pretende mesmo fazer isso?

— Não tenho outra alternativa, tenho? Minha amiga está lá dentro e não sei o que aconteceu com ela.

— Sim, mas deve compreender que isso seria terrivelmente embaraçoso para mim e Fred...

— Sim, claro — concordou Mary, conseguindo ainda raciocinar com clareza. — Vocês podem ir, eu cuidarei de tudo por aqui.

— Acha que pode fazer isso sozinha?

— Sim, não se preocupem.

Naquele momento, oculto atrás de uma sebe, Torg olhava preocupado o que acontecia. Viu o gerente do local se encaminhar naquela direção. O que não devia acontecer iria ter lugar.

A garota seria descoberta e isso provocaria boatos e comentários comprometendo a discreta atuação de Drácula. Mas nada havia que pudesse ser feito. O melhor era sair dali o mais depressa possível. Os soldados chegariam em pouco tempo.

Quando os dois cavalheiros deixavam o chalé, cruzaram com o gerente do estabelecimento.

— O que está havendo por aqui?

— A garota lá dentro vai lhe explicar tudo, senhor — disse Fred e os dois caminharam rapidamente para o carro.

Ao vê-lo chegar, Mary suspirou aliviada.

— O senhor tem uma chave-mestra de todos os chalés?

— Sim, está aqui comigo. O que houve, afinal?

— Minha amiga está trancada ali dentro e não responde aos meus chamados. Acha que pode abrir?

O gerente aproximou-se da porta e bateu fortemente na madeira.

— Srta. Portland, está me ouvindo?

— Não adianta chamar. Abra logo, por favor! — suplicou Susan.

CAPÍTULO 4

O quarto estava às escuras. À medida que a porta se abria, a luminosidade penetrava, revelando os contornos de um corpo sobre a cama, numa grotesca posição.

— Susan! — chamou Mary, trêmula e angustiada, tateando a parede à procura do interruptor.

A luz banhou, então, o corpo de Susan, imóvel, os olhos abertos numa expressão de supremo terror. Mary levou as mãos aos lábios e seu grito estridente cortou o silêncio da noite.

O gerente aproximou-se do corpo e fitou-o. Não havia dúvidas, Susan Reading estava morta. Era o pior dos transtornos para um homem em sua condição.

Mary ficou parada, apoiada contra a parede, o eco do próprio grito soando em seus ouvidos, cortando, enlouquecendo.

— Está morta — disse o gerente. — Por que aqui? Logo aqui? — resmungou, enquanto ia para a sala, junto do telefone.

Mary olhou o corpo. Não podia acreditar que Susan estivesse morta. Era um pesadelo, uma piada, alguma coisa de mau gosto, mas Susan não podia ter morrido.

Seu olhar, então, fixou-se naqueles orifícios no pescoço da amiga. A macha ligeiramente arroxeadada circundava-se, dando a impressão de que Susan recebera, ali, uma pancada.

Olhou a janela, depois a porta. Estava tudo trancado. Como poderia ter ocorrido? Um pavor indescritível tomou conta dela ao olhar as portas do armário. Gritou, novamente, correndo para a sala.

O gerente soltou o fone e correu ao encontro dela, segurando-a com firmeza.

— O que foi? — indagou.

Pessoas chegavam à porta e observavam com curiosidade e medo o que acontecia.

— Ele está lá dentro, eu tenho certeza... — gritou Mary.

— Ele quem?

— O assassino... Só pode estar oculto no armário... Ele está lá — gritou Mary, livrando-se dos braços que a prendiam. — Alguém aí faça alguma coisa!

O gerente olhou para as pessoas à porta. Dois homens avançaram. Um deles tinha uma arma.

— O que aconteceu, afinal?

— Encontramos a garota morta lá dentro. A janela está trancada. A porta também estava quando chegamos. A garota aí tem razão, o assassino deve estar oculto lá dentro — disse ele, apanhando um pesado cinzeiro.

Os três homens entraram no quarto. O que tinha a arma ficou na defensiva, apontando-a para uma das portas do armário. O gerente foi até ela e abriu-a num golpe. Estava vazia.

Repetiram a operação em todas as portas. Vasculharam o local e não encontraram vestígio algum do assassino. Momento depois a sirena se aproximando indicou a chegada da polícia.

O inspetor-chefe e seu assistente afastaram os curiosos, depois fecharam a porta.

— Muito bem, o que está havendo? — indagou Charles, enquanto Lester ia ao telefone e solicitava o envio de um carro da polícia técnica e uma ambulância.

— Lá dentro — apontou o gerente.

Os dois policiais entraram no quarto. Charles estava acostumado aos crimes mais violentos, mas jamais pudera permanecer insensível diante da morte de uma bela garota.

Inclinou-se sobre o corpo. Lester fez o mesmo, apontando para a marca no pescoço.

—

Dora O'Hara torceu para que suas amigas chegassem logo e a vissem na companhia daquele homem de que tanto falavam. Ambas estiveram erradas o tempo todo.

— Não bebe nada, Vlad? — indagou ela, com uma intimidade que deliciou Drácula.

— Não, jamais bebo — respondeu ele, olhando-a nos olhos, dominando-a, sentindo-a sua, a sua mercê, a sua disposição.

A caça era fácil e apenas o prazer de retardar ao máximo o momento do ataque compensava. Suas vítimas eram atraídas para ele, ofereciam-se livremente.

Enquanto seus instintos não reclamassem nova presa, podia se divertir com elas como o gato esperto brinca com o rato atordoado.

Dora sorriu e inclinou a cabeça sobre a mesa. Naquele instante, um crucifixo pendeu de seu pescoço, produzindo um frêmito horrorizado do vampiro.

A visão daquela cruz minava suas forças incrivelmente e, por mais que se esforçasse, não conseguia desviar o olhar dela.

Assim como o fascínio que atraía suas vítimas para a destruição, a cruz parecia atrai-lo ao próprio fim. Seus olhos injetaram-se e ele os cobriu com as mãos.

— Algo errado? — indagou Dora, endireitando o corpo.

A cruz resvalou pelo decote e ocultou-se entre seus seios. Uma sensação de alívio tomou conta do vampiro e ele descobriu a visão.

— Um ligeiro mal-estar — desculpou-se ele, mortalmente pálido. — Não se preocupe, estarei bem num momento.

— Tem certeza que não quer beber algo? Pode ser um problema de pressão...

— Jamais tive isso — sorriu ele, já à vontade.

Olhou-a nos olhos, fascinando-a, excitando-a com aquele olhar animal e possuidor que parecia desvendar os mistérios mais ocultos daquele coração feminino.

— Gosta de jóias, Dora?

— Sou uma garota... Garotas adoram jóias — comentou ela, com um sorriso coquete nos lábios.

— A cruz que você usa...

— É uma jóia de família... Não muito valiosa, mas ganhei-a de minha avó. Jamais a tirei do pescoço...

— Nem para trocá-la por um colar de... Esmeraldas, digamos? O verde casa-se bem com sua pele morena — disse ele, a voz rouca e sensual penetrando os ouvidos da garota como a carícia mais alucinante.

— Está me propondo essa troca?

— Você faria? — retrucou ele, estendendo a mão e tocando o braço da garota, deslizando-a sobre a pele macia.

— Que mão fria! Você tem problemas de pressão baixa. Fui enfermeira por algum tempo, sei como são essas coisas. Num homem como você, isso pode trazer conseqüências desagradáveis — riu ela, com malícia.

— Absolutamente — riu ele em resposta, adorando aquele tom atrevido e espontâneo da garota.

Olhou ao seu redor. Na pista, alguns casais se contorciam ao som da música alucinante. O mundo mudara muito, os costumes haviam evoluído para uma deliciosa licenciosidade. Drácula apreciava tudo aquilo, como apreciava estar vivo após tanto tempo.

Havia muito ainda a ser descoberto, mas não havia pressa alguma em seu corpo. Tinha a imortalidade e isso lhe dava todo o tempo que quisesse

para descobrir e gozar todas aquelas mudanças ocorridas e as que ainda estavam por vir.

— Mas falávamos sobre jóias — lembrou-o Dora.

— Oh, sim! Também possuo algumas jóias de família, mas sou muito pródigo com elas. E continuo achando que o colar de esmeraldas ficaria magnífico em seu colo moreno e belo — sorriu ele, sedutoramente.

— Isso é muito lisonjeiro...

— É uma verdade! Gostaria de me ajudar nisso?

— Ajudá-lo? Em quê?

— Em provar que jamais me enganei entre a perfeita identidade que há entre você e aquelas esmeraldas. Na próxima sexta-feira, em minha casa. O que me diz?

— E onde mora?

— Dê-me seu endereço e mandarei meu motorista apanhá-la — sorriu ele, em regozijo.

O corpo foi levado para a ambulância. Charles terminou de falar com o legista, depois voltou para o interior do chalé, onde Lester conversava com Mary, agora mais tranqüila após o calmante que lhe fora ministrado.

Ao perceber a aproximação de seu chefe, Lester se ergueu e foi ao seu encontro.

— E então, o que achou?

— Eu lhe digo o que achei. É um blefe, uma piada de mau-gosto, uma farsa, uma brincadeira de algum maníaco louco querendo chamar a atenção. Essa garota não foi morta aqui, disso estou certa. A total ausência de sangue em seu corpo prova isso. Alguém a matou em alguma parte por aí, trouxe-a para cá e trancou-a no quarto para nos confundir.

— Mas encontramos a chave no interior do quarto.

— Ele pode ter usado outra. Uma chave-mestra, por exemplo.

Lester pensou no que Charles dissera. Uma expressão intrigada desenhou-se em seu rosto e o inspetor-chefe deduziu qual seria a conclusão a que ele chegaria.

— Esta é a mesma vila onde morava Joan Aberdeen. Acha que o gerente...

— E por que não? Vamos investigá-lo com cuidado. Dispunha de todo acesso a cada um dos chalés. Pode ter matado Joan e feito o mesmo com Susan Portland...

Lester encarou-o e a expressão intrigada persistia, agora acentuada em seu rosto.

— Mas qualquer coisa não se encaixa agora... Por que ele a traria aqui, se fez o mesmo com Joan?

— Eu poderia lhe dar mil e uma explicações científicas, mas acho que pode deduzir todas elas. Um maníaco tem necessidade de chamar a atenção. Suponhamos que seus crimes anteriores não tenham produzido o efeito que desejava, Ele pode ter mudado, então, sua forma de agir.

— Pode ser... Mas não consigo vê-lo como um assassino. Esse gerente pode ser um ladrão, um alcoviteiro, mas não tem aparência alguma de assassino.

— E como pode afirmar isso?

— Não sei... Apenas sinto — disse Lester, deixando-o e indo até junto de Mary.

— Quer que a leve para casa, senhorita?

— Sim, por favor! — aceitou ela.

Quando deixaram o chalé, uma viatura chegava com diversos policiais do grupo de apoio. Charles ordenou-lhes que vasculhassem toda a redondeza à procura de pistas, depois foi para o carro, onde Lester e a garota já se encontravam.

Quando retornavam, ao passar pelo bosque, Mary se lembrou do que Susan dissera a respeito daquele lugar e um arrepio instintivo percorreu seu corpo, fazendo-a se encolher toda.

— Algo errado, senhorita? — observou Lester.

— Não sei, foi algo que Susan me disse ontem a respeito desse lugar...

— E o que foi?

— Ela parecia assustada... Disse que tivera a nítida sensação de estar sendo seguida por alguma coisa indistinta que voava ao seu redor dos carros.

— Ora, por favor, Srta, Reading! — repreendeu-a Charles, aborrecido.

Depois, arrependido da observação, desculpou-se. Um detalhe veio-lhe à mente e ele indagou à garota.

— Sua amiga costumava freqüentar o Old Fisherman?

— Sim, nós nos encontrávamos sempre lá — respondeu Mary, sem entender muito bem a razão da pergunta.

Lester e Charles, no entanto, trocavam um olhar significativo.

Quando Drácula voltou para casa, naquela madrugada, encontrou Torg a sua espera. O corcunda parecia apreensivo.

— Torg, a preocupação o torna ainda mais feio, meu fiel servo — observou o vampiro.

— Mestre, não pude me aproximar daquela garota... Quando cheguei, já haviam descoberto o corpo...

— Isso não o isenta de sua missão. Você sabe o que tem de fazer. Faça-o, portanto. Não me aborreça com detalhes.

— Sim, mestre...

— E não se esqueça de contratar uma zeladora para esta casa. A visão dessa poeira me irrita — gritou o vampiro, rumando para o corredor da adega.

Caminhou à vontade por entre as paredes frias, até sua sala. Aproximou-se do esquiife. Tocou o pequeno travesseiro com uma espécie de reverência no gesto.

Por momentos a lembrança da antiga nobreza dos Drácula brilhou em sua memória. Foram ótimos tempos, mas haviam passado. Ele era o último dos descendentes. A ilustre família tinha nele, preservada até o fim dos tempos, a estirpe.

Estendeu-se no ataúde, acomodando-se para repousar. A escuridão tétrica era agradável aos seus sentidos. Ele pensou em Dora e a visão daquele crucifixo em seu pescoço e fez estremecer.

Era um imortal, mas vulnerável. Uma simples cruz como aquela poderia reduzi-lo a cinzas por mais cem anos ou, talvez, para todo o sempre.

Bastaria que alguém as espalhasse. Jamais poderiam ser reunidas. Torg estaria sempre por perto para evitar isso, mas era algo que poderia acontecer.

Seus olhos se fecharam. Ele adormeceu. Uma figura sinistra desenhounse na porta da sala. Era Torg se certificando do repouso do mestre.

Quando se viu satisfeito, o corcunda retornou para a sala. Tinha uma missão a cumprir e, quanto mais cedo a terminasse, melhor.

Foi retirar o carro da garagem. Amanhecia, quando partiu na direção da cidade.

Apesar da noite atribulada, Charles chegou cedo à chefatura. Lester já estava lá, aguardando-o com uma xícara de chá.

— Quer estar presente durante a necropsia? — indagou Lester.

— Sim, vamos para lá. Antes acho que devemos informar a família da garota. Você tem aí o endereço que encontramos entre os documentos?

— Sim, está aqui — disse Lester, passando sua caderneta de notas para ele.

Charles foi ao telefone. Antes de discar, pensou em como aquela pobre família teria um mau começo de dia. Era sua obrigação, porém.

Após o comunicado, que o deixou bastante deprimido, ele e Lester foram para a morgue, onde seria realizada a autópsia.

Quando chegaram, o médico encarregado estava se preparando para iniciar sua macabra operação.

— Tem estômago para isso, inspetor? — ironizou o doutor.

— Estive na guerra, vi coisas piores — informou Charles, enquanto caminhavam para a sala onde estaria o cadáver.

— Não sabia que era tão velho — comentou Lester, em tom de brincadeira.

— Nem que você era tão observador — retrucou o outro.

Entraram em uma porta. Havia uma mesa de mármore no centro. Ao fundo, simetricamente dispostas, estavam as gavetas do congelador onde eram conservados os cadáveres.

— Ordenei que deixassem o cadáver aqui — disse o médico, aborrecido, indo até as gavetas e olhando-as confuso. — Onde poderiam tê-lo posto — indagou-se, abrindo uma delas.

— Quer ajuda, doutor? — indagou Charles, aproximando-se na companhia de seu assistente.

— Esses incompetentes... Ordenei-lhes que deixassem o corpo sobre a mesa... Malditos bastardos! — irritou-se o homem abrindo e fechando as gavetas com violência.

Quando abriu a última delas, virou-se e encarou os dois policiais com surpresa.

— Demônios! O que está havendo aqui, afinal?

— Onde está o cadáver? — indagou o inspetor.

— É o que pretendo saber. Na certa aqueles malditos o deixaram dentro da ambulância. Hoje em dia não se pode confiar em mais ninguém — afirmou o médico, deixando a sala.

Charles e Lester o seguiram incontinenti. O médico avançou pelo corredor, na direção da garagem.

— Há algo em especial que deseja que eu observe neste caso?

— Sim, doutor. Quero que procure traços de drogas, qualquer uma delas.

— É um trabalho minucioso.

— Estou certo que pode fazê-lo — afirmou Charles.

CAPÍTULO 5

De volta à chefatura Charles e Lester estavam boquiabertos com o que havia ocorrido. O cadáver da garota simplesmente desaparecera. Sentados frente a frente, agora, os dois policiais não conseguiam pensar numa explicação plausível para o caso.

O motorista da ambulância e seu auxiliar juravam haver deixado o corpo na mesa da morgue. O vigia jurava não haver se afastado dali a não ser pela manhã, em seu horário normal.

— deve haver uma explicação! — afirmou Charles, como se procurasse convencer a si mesmo dessa afirmação.

— Sim, deve haver — respondeu Lester, hesitando. — Vou apanhar um pouco de chá.

Quando retornou, momentos mais tarde. Charles estava debruçado sobre um bloco de notas e havia rabiscado ali algumas observações a respeito daquele caso.

Aceitou a xícara que o assistente lhe estendeu, tomou um gole, o depois encarou.

— Vejamos, Lester, o temos até agora. Desaparecimentos inexplicáveis. Dois deles ligados àquela vila. Outros dois sem ligação alguma, de garotas que estavam hospedadas em outros pontos da cidade. Duas delas, com certeza estão mortas. O mesmo pode ter acontecido com as outras. E o que temos de comum entre todos esses acontecimentos.

— A única ligação entre todas é que freqüentavam a boate de Old Fisherman.

Charles pensou por instantes, depois vasculhou sua mesa à procura de alguma coisa. Não encontrando o que buscava, tomou o telefone e ligou um número, ordenando a um policial que trouxesse rápido o relatório a respeito de suas observações.

— É o Larry, mandei-o vigiar o Old Fisherman — explicou a Lester, após desligar.

Imediatamente discou um outro número. Era do departamento técnico, onde indagou a respeito do que haviam recolhido na noite anterior, na cena do crime.

— Nenhuma pista realmente?— indagou, ao obter a resposta.

Ao desligar, havia desalento e confusão em seu rosto. Encarou o assistente.

— Está tudo muito intrigante por aqui, não acha?

— Sim, a começar pela maneira como a garota foi morta. Foi uma pena termos perdido o corpo. Acho que encontraríamos nele algumas respostas.

— Penso que traços de droga. Tem que ser a única explicação! — explodiu Charles, esmurrando a mesa.

Alguém bateu na porta. Ele ordenou rispidamente que entrasse. Era Larry, o policial que vigiava o Old Fisherman, trazendo seu relatório do dia anterior.

Charles ordenou-lhe que continuasse o trabalho, após observar o lacônico conteúdo do relatório e passá-lo a Lester.

— Nada a comunicar! — leu o assistente.

— E o pessoal das fotos?

— Deve estar preparando os relatórios.

— É nossa única chance de encontrar um começo em tudo isso — disse Charles, sentando-se e acendendo seu cachimbo.

Dois dias após aqueles misteriosos acontecimentos em Falmouth, o Professor Hilgenstiller tomava seu desjejum, enquanto lia o Times.

Numa das páginas internas, uma pequena nota comentava aqueles misteriosos desaparecimentos ocorridos em Falmouth. Chamou-lhe a

atenção, porém, o fato de que os corpos de duas garotas mortas não haviam sido encontrados ainda, supondo-se que as outras duas desaparecidas houvessem tido o mesmo destino.

Continuou com interesse. Um corpo fora encontrado dentro de um aposento fechado, com estranhas marcas no pescoço e nenhum sangue nas veias.

A xícara de chá em suas mãos estremeceu, derramando algumas gotas sobre a toalha impecável. Um calafrio gelou-o até a medula e os trágicos acontecimentos de Kizna voltaram-lhe à mente.

A nota nada mais mencionava e havia um tom de galhofa em todo o artigo, como se o jornal zombasse da incapacidade da polícia em chegar a alguma conclusão aceitável.

Entendeu que o mesmo espanto que parecia dominar aquelas pessoas já fora experimentado por ele durante aquela trágica experiência.

Releu o parágrafo que falava da garota morta, com estranhas marcas no pescoço e nenhum sangue. O quarto fechado, a expressão de terror que na certa se estampara em seu rosto ao perceber a aproximação daquela fera nascida nas profundezas do inferno.

Pôs-se em pé, resolutivo. Naquele dia teria um compromisso importante. Iria se encontrar com o diretor da Universidade de Oxford para discutirem as bases de seu trabalho. Lecionar sociologia, naquele momento seria impossível.

Precisava ir a Falmouth e acalmar suas apreensões. Talvez houvesse lá um louco apenas, mas essa hipótese não encontrava guarida em seu espírito.

Lera sobre vampiros, sabia mais do que mortal algum jamais soubera. Compreendia quão ingênuas e, com certeza, inúteis haviam sido as tentativas de eliminar Drácula.

Era preciso mais que fogo num castelo para expulsá-lo para sempre deste mundo. Era preciso estar presente, observá-lo se retorcer e se consumir nas chamas infernais que corriam em suas veias.

Suas cinzas deveriam ser espalhadas pelo mundo, um punhado em cada recanto mais escondido, para que jamais pudessem ser reunidas outra vez.

Sim, precisava ir a Falmouth. Enquanto houvesse uma possibilidade de Drácula estar vivo em alguma parte, ele não poderia descansar.

A alma da filha clamaria para sempre por vingança e justiça. As vítimas jamais encontrariam paz. A humanidade nunca mais estaria segura com aquele monstro à solta.

Foi até sua biblioteca e localizou Falmouth no mapa. Tomaria um trem direto até Truro. Dali apanharia outro em direção a Falmouth. Naquela mesma tarde estaria lá.

Dora O'Hara abriu o envelope e retirou a fotografia, levantando-a diante dos olhos. A decepção estampou-se em seu rosto, substituída, logo depois, por uma expressão irritada.

— Garota idiota! — exclamou, referindo-se à fotógrafa que circulava por entre as mesas do Old Fisherman.

Pedira a ela que a fotografasse em companhia de Vlad Lucard. Pensou em Susan Portland, no terrível destino que lhe fora reservado. Estava chocada ainda com o que acontecera. Olhou mais uma vez a fotografia. Como aquele fotógrafa poderia ter sido tão idiota?

Ali estava ela, sozinha na mesa. Como poderia mostrar a foto a alguém e dizer que esteve com Vlad? Jamais acreditariam.

Era um trunfo que não poderia passar em brancas nuvens. Sim, alguém precisava saber que estivera com ele e que, naquela noite, iria ao encontro

dele em sua casa, uma bela mansão no alto de uma colina, dominando toda a cidade e com a vista mais bonita do mar.

Lembrou-se de Mary e foi até o telefone. Ligou para ela.

— Como está você, querida? — indagou disfarçando a cordialidade.

— De partida, Dora. Vou embora daqui hoje mesmo...

— Puxa, é uma pena mesmo. Eu tinha tanta coisa a lhe contar...

— Não, depois do que houve com Susan e agora que a polícia me liberou, vou dar o fora. Estou assustada, Dora. Muito assustada. Se tivesse visto o que vi, agiria da mesma forma.

— Dando o fora daqui?

— Sim, isso mesmo.

— Não, não posso fazer isso, não agora...

— E por que não? Alguma coisa especial?

— Sim, tenho um encontro muito importante esta noite. Vamos ver se advinha com quem?

— Ora, não consigo pensar em ninguém tão especial assim... — disse Mary, interrompendo-se em seguida, como se entendesse finalmente, aquele tom vitorioso na voz da amiga. — Não vá me dizer que...

— Acho que adivinhou — antecipou-se Dora, incapaz de se conter por mais tempo — Vlad Lucard, aquele pedaço de mau caminho que conhecemos lá no Old Fisherman.

— E como conseguiu isso? — indagou Mary, surpresa e enciumada.

— Deve ter sido alguma coisa em meu charme que o fascinou — riu Dora, convencida.

— Esta bem, espero que se divirta com ele...

— Está brincando! Vou até a casa dele, seu motorista virá me apanhar. Além disso, ele mencionou qualquer coisa a respeito de um colar de esmeralda que ficaria muito bem em meu pescoço... Não é maravilhoso da parte dele? — finalizou, ferina.

— Deve ser mesmo — concordou Mary, remoendo-se por dentro.

Quando desligou, Dora sorria satisfeita. Deu uma última olhada na fotografia.

— Garota estúpida! — exclamou, jogando-a sobre um móvel.

De um canto da sala, Torg observava atentamente o desempenho da arrumadeira. Em dois dias ela livrara toda a casa da poeira, o que deixara Drácula satisfeito.

Torg, porém, vivia em sobressaltos. Seus instintos não o enganavam. Olhara aquela mulher nos olhos, sabia que tinha ali uma bisbilhoteira de primeira.

De fato, a Sra. Dundee tinha muitas perguntas, após haver trabalhado dois dias naquela casa. Primeiro, jamais vira seu patrão; segundo, jamais encontrara sua cama desarrumada.

Aguçava sua curiosidade a veemência com que Torg lhe recomendara jamais descer ao porão. Dissera que o patrão tinha ciúme dos vinhos da adega, mas ela jamais vira um copo sujo naquela casa. Alias, nem prato sujo ela jamais vira. De que eles se alimentavam era coisa que não conseguia descobrir.

Terminou de polir o mármore da lareira. As noites começavam a esfriar, mas não havia cinzas ali. Levantou a cabeça e observou a parede. Havia manchas na parede, como se tivesse removido algum quadro que, durante muito tempo, estivera ali.

Aquilo a intrigou e um detalhe chamou sua atenção. Já andara pela casa toda e não vira um espelho ao menos. Sim, era um detalhe interessante. Onde estariam os espelhos daquela casa?

Girou os olhos um pouco mais e pousou seu olhar sobre a figura sinistra e arrepiante de Torg. Um calafrio percorreu sua espinha. Aquele corcunda lhe provocava um mal-estar indescritível.

Torg, por seu turno, pôde ler a curiosidade naqueles olhos miúdos e vivazes. Sabia que a Sra. Dundee era observadora e que muitos detalhes já haviam passado por sua mente.

Não gostava nem um pouco daquilo. Uma mulher como aquela podia ser perigosa.

— Acho que terminei por hoje. Quer que lhe prepare um chá? — indagou ela, muito embora soubesse que nada havia na despensa da casa.

— Detesto chá — grunhiu o corcunda.

— E o patrão, quando volta?

— O patrão não se ausentou. Está trabalhando. Fica o dia todo fora. Agora, se terminou, pode ir.

— Está bem — concordou ela, indo apanhar suas coisas.

Ao passar diante da porta do porão, seu instinto curioso lhe provocou comichões. Atrás dela, com desagrado, Torg a espreitava.

Entardecia. Em sua sala, Charles relia o artigo daquela manhã no jornal local. A imprensa e a opinião pública zombavam dele e de toda a polícia. Nada fora apurado ainda a respeito dos desaparecimentos. O corpo de Susan Portland ainda não fora encontrado.

Lester entrou, trazendo algumas folhas de papel em suas mãos.

— O que é isso? — indagou o inspetor-chefe.

— Os relatórios de Larry e do pessoal que investigou as fotos.

— Algo novo?

— Não, tudo aponta para o Old Fisherman, mas apenas isso. Elas estiveram lá. Nesses dois dias, investigaram cada um dos frequentadores, nada de especial foi encontrado. Da mesma forma, mandaram alguns espiões, disfarçados de viciados, tentando conseguir algum tipo de droga entre os frequentadores e, mesmo, com o proprietário e funcionários. Nada, absolutamente nada. Esses são os últimos relatórios. Não os li ainda, mas

estou certo que dirão a mesma coisa — disse Lester, desanimado, jogando as folhas sobre a mesa do chefe.

Charles as apanhou. Um daqueles papéis lhe chamou a atenção. Relacionava os freqüentadores mais assíduos do estabelecimento.

Desde que entrara o outono, um nome se destacava na lista.

— Quem é Vlad Lucard? — indagou ao assistente, que voltava com uma xícara de chá.

— Já ouvi falar nele. Alugou a mansão Black Hill. Penso que é estrangeiro e muito rico. Não o vi pessoalmente ainda, mas é o tipo capaz de fazer qualquer homem sentir ciúme.

— Por que diz isso?

— Por experiência própria. Minha garota o conheceu. Disse que é um homem belíssimo, cuja presença se impõe sobrenaturalmente — exagerou Lester, mas estacou ao sentir seu corpo percorrido por um arrepio — Eu disse sobrenaturalmente?

— Sim, foi o que disse — confirmou Charles, olhando intrigado seu assistente.

Lester tomou um gole de chá, depois voltou a encarar o chefe. Em seus olhos havia a mesma dedução que se estampava agora nos olhos de Charles.

Bateram na porta. Lester foi abrir.

— Boa tarde, cavalheiros. Sou o Professor Hilgenstiller e gostaria de falar com inspetor-chefe...

Lester abriu caminho, enquanto apontava para a mesa de Charles. Este se levantou e observou, intrigado, aquele cavalheiro alto, abraçado com uma pasta de couro. Chamou-lhe a atenção a expressão marcada daquele rosto, como se uma angústia interior muito grande se refletisse nele.

— Sou Charles Derby, o inspetor-chefe — apresentou-se.

— Paul Hilgenstiller, professor de sociologia e outras matérias afins...

— E o que o traz aqui, professor?

— Isto — disse, depositando sobre a mesa o recorte do Times que falava sobre os acontecimentos em Falmouth.

— Não veio comunicar o desaparecimento de sua filha, veio, professor?

— Não, inspetor — disse Hilgenstiller, um agulhão ferindo-lhe o peito e a lembrança da filha doendo-lhe no coração. — Vim ajudá-los, talvez...

— Ajudar-nos? — espantou Charles.

Lester agiu da mesma forma e se aproximou discretamente.

Hilgenstiller observou ambos, depois retirou de sua pasta os originais de seu livro, além de outras provas.

— Primeiro gostaria que ouvissem minha história. Depois discutiremos em que podemos nos ajudar — disse, começando sua narrativa.

Charles e Lester acompanharam com incredulidade tudo aquilo. Apesar da aparência honesta daquele homem, tudo o que dizia mais parecia uma obra de ficção que realidade.

Supor que um vampiro, entre tantas cidades no mundo, fosse escolher justo Falmouth era o mesmo que admitir a existência de discos-voadores, gnomos, bruxas e fantasmas.

A noite chegou mansamente, trazendo uma lua brilhante e poética, inofensiva na aparência, incapaz de exercer influências malignas sobre os seres humanos.

Quando Hilgenstiller terminou sua explanação, um riso incrédulo desenhou-se nos lábios de Charles Derby.

— Um vampiro, professor? Está tentando me convencer que...

— Tem outra explicação? — cortou-o o professor, incisivo.

CAPÍTULO 6

Torg estava na janela do sótão, após, mais uma vez, haver se olhado nos espelhos e percebido que nada mudara em sua triste figura.

Uma sombra deslizando pelo jardim chamou-lhe a atenção. Olhou com cuidado e julgou reconhecer, no vulto intrometido, a figura da Sra. Dundee.

— Idiota! — exclamou ele, deixando o aposento e rumando para o andar térreo da casa.

Suas previsões se confirmaram. A maldita mulher não demoraria muito para satisfazer sua curiosidade. A primeira coisa que lhe passou pela mente foi enxotá-la dali.

Depois, um pensamento macabro e divertido o fez pensar melhor. A Sra. Dundee estava curiosa a respeito do patrão. Talvez devesse satisfazê-la. Estava certo de que ela se dirigiria direto para o porão da casa.

Aproximou-se sorrateiramente de uma das janelas, mas não a viu. Olhou a noite. A lua firmava-se no céu. Drácula ainda dormia. Torg seria recriminado por deixar a mulher perturbá-lo.

Resolveu voltar ao plano original e apenas expulsá-la. Não queria zangar seu mestre. Um acesso de fúria de Drácula intimidava a própria natureza.

Saiu pelos fundos, circundando cautelosamente a casa, procurando atentamente pela mulher.

Não longe dele, ela tentava arrombar a pequena janela que iluminava uma passagem do corredor do porão. Não o conseguiria fazer sem muito barulho. Sabia que o corcunda estava na casa, por isso desistiu daquela idéia.

Levantou-se e caminhou rente à parede, aproximando-se de uma das janelas. Olhou no interior da casa. Não havia o mínimo sinal do corcunda. Talvez pudesse entrar pelos fundos.

Ia caminhar naquela direção, quando pesada e intimidadora, a mão de Torg pousou sobre seu ombro. Numa reação inconsciente, a Sra. Dundee se voltou e bateu sobre o braço do corcunda.

— Oh, Sr. Torg... — gaguejou ela.

— O que faz aqui?

— Esqueci minha bolsa... Preciso dela, as chaves de minha casa estão lá... Espero que não se importe se eu a apanhar — disse ela, caminhando resolutamente para a porta dos fundos.

— Pare! — ordenou Torg, perseguindo-a.

— É só um instante — respondeu ela, disposta a entrar na casa.

Torg a alcançou e segurou-a pelo braço, apertando-o.

— Solte-me! — ordenou ela, furiosa também.

— Você diz onde está a bolsa, eu a apanho...

— Por que não posso entrar na casa? Quero conhecê-lo, então — repeliu-o ela, mas Torg voltou a insistir, agarrando com firmeza seu braço.

As unhas da mulher cravaram-se sobre sua mão e o corcunda grunhiu de dor, encolhendo a mão.

— Eu não gosto que me segurem assim. Você não manda aqui. Vou me queixar ao patrão — disse ela, fazendo menção de se afastar.

— Maldita! — urrou Torg, segurando-a pelos cabelos.

A Sra. Dundee se voltou e suas unhas traçaram sulcos no rosto do corcunda. Seus olhos injetaram-se e, sem lhe soltar os cabelos, puxou-a para perto de si e esmurrou-a no nariz.

A mulher caiu de joelhos. Seu sangue escorregou para a blusa branca. Os olhos de Torg chamejaram. Aquele cheiro de sangue morno jogou perigosamente com seus instintos.

Ele olhou a própria mão. Parecia guarda ali ainda o prazer que a pancada sobre aquelas carnes haviam proporcionado. Ela tentou se levantar. Torg segurou-a pelos cabelos, forçando-a a se manter de joelhos.

Olhou novamente a mão, depois o sangue que escorria do nariz da mulher. Seu sadismo tentou-o, excitando brutalmente seus sentidos.

Ele golpeou violentamente a face da Sra. Dundee, jogando-a no chão. Esperou que ela suplicasse piedade, mas desconhecia a fibra das mulheres dos marinheiros do sul.

Noite após noite elas suportavam as apreensões pelos maridos no mar. A viuvez não as abalava. Pareciam conviver com a tragédia, esperando-a e enfrentando-a.

Quando sua mão segurou aquela pedra e atirou-a contra a cabeça do corcunda, Torg compreendeu que não a intimidara, mas a provocara para uma luta mortal. Avançou sobre ela, tentando prender os braços que o golpeavam, procurando evitar aquelas unhas perigosas que buscavam sua pele para arrancar um prazer que, paradoxalmente, o assustava.

Sua memória recuou no tempo, muitos anos, nas grandes festas dos Drácula, nos festins orgíacos onde o canibalismo era praticado como requintes de sadismo.

Ali começara a maldição que se abatera sobre ele. O gosto da carne morna e gotejante veio-lhe aos lábios, após tanto tempo. Ele venceu, finalmente, a resistência da mulher, jogando seu corpo sobre o dela.

— Solte-me animal! — berrou ela, sem saber que mais o assanhava.

Torg tremia, ofegante e excitado, arrepios alucinantes percorrendo seu corpo, aquele apetite bestial tirando-lhe totalmente a razão.

Seus dentes se fecharam sobre o ombro dela, arrancando um naco sangrento. A Sra. Dundee não teve forças para gritar, tamanho se horror.

Fascinada e apavorada, ficou olhando aquela boca mastigar com visível prazer um pedaço de suas próprias carnes, saliva e sangue escorrendo daqueles lábios animais numa gosma nojenta.

Uma total transformação se operou no corcunda. Toda e qualquer aparência humana desapareceu de seu corpo disforme e ele assumiu

totalmente sua animalidade, agindo daquela forma, rosnando como uma fera assassina, arrancando pedaços e mais pedaços da mulher, já desfalecida, mascando-os apressadamente, gulosamente.

Drácula acordara havia pouco. Caminhava pela sala quando ouviu aqueles sons de luta e, depois, o rosnar espicaçado de uma fera faminta.

Foi até a janela. Torg devorava o corpo agonizante da Sra. Dundee.

— Torg! — gritou ele e o corcunda ergueu o rosto, exibindo seus olhos chamejantes, sua expressão animalesca, seus lábios ensangüentados. — O que está fazendo animal?

A lucidez pareceu voltar à mente da besta, que se ergueu lentamente, enxugando os lábios nas mangas da camisa. Olhou cadáver semi devorado da mulher, depois se postou submisso diante de seu mestre...

— É a empregada, mestre. Eu a avisei... Ela veio bisbilhotar e... Foi inevitável. Ela me atacou, eu...

— Está bem... — concordou Drácula, o cheiro do sangue fazendo arder seu corpo, o desejo e a necessidade brincando com seus instintos.

Resistiu, porém. Um banquete especial estava reservado para aquela noite, na figura doce e tentadora de Dora O'Hara.

— Livre-se desse corpo depois vá se aprontar. Tenho um trabalho para você — ordenou o vampiro.

Estavam num restaurante não muito longe de chefatura. Por insistência do professor, Lester acabara descrevendo o tipo de ferimento encontrado em Susan Portland.

Hilgenstiller tomara um pedaço de papel de sua pasta e rabiscara um desenho apressado, mostrando mais ou menos o ferimento sofrido por Larah, sua filha, na fatídica cidade de Kizna.

— Mais ou menos isso? Sobre a jugular? — indagou, mostrando o desenho.

— Sim, isso mesmo. Essa parte escura era uma mancha ligeiramente arroxeadada...

— O tipo de marca provocado por uma sucção violenta, não?

— Isso mesmo — concordou Lester, voltando-se para Charles, que acompanhava com visível desagrado aquela conversa.

Toda aquela teoria fantástica e aquela história do professor podiam impressionar um jovem inexperiente como Lester, mas jamais convenceria a ela, o inspetor-chefe.

— O que me diz disso tudo, Charles? — quis saber Lester.

— Eu digo que no próximo arco-íris nós dois sairemos à procura do pote de ouro. Vamos repartir-lo e nos aposentar. Para nos distrair, vamos sair caçando fantasmas por aí, não acha uma boa idéia? — ironizou.

Hilgenstiller olhou-o com desânimo. Compreendia a reação do inspetor e não o recriminava. Ele mesmo teria se comportado daquela forma se não houvesse passado por aquele tipo de experiência.

— E qual sua teoria, inspetor? — quis saber o professor.

— Tudo indica que há um louco que frequenta o Old Fisherman. É nesse que devemos nos concentrar.

— Um louco, inspetor? Porque não uma besta humana, uma fera do inferno ou...

— Esperem um pouco — interrompeu-o Lester. — Se tudo nos aponta para o Old Fisherman, por que não deixamos que o professor vá até lá. Suponhamos que essa misteriosa personagem apareça por lá e seja reconhecida como o tal do Drácula... O que teríamos a perder? — propôs Lester.

— Acho que a razão, meu amigo — respondeu Charles, com um sorriso de galhofa nos lábios.

— Pois eu acho uma boa idéia. Eu vi aquela maldição ambulante e posso descrevê-la. Basta que alguém se lembre de ter visto alguém parecido para que eu...

— Ora, professor, isso é despojado de toda e qualquer lógica. O que está pretendendo é um absurdo! — cortou-o Charles.

— Está bem, está bem! Compreendo e respeito suas opiniões, inspetor. Deixe-me, então, acompanhar essas investigações. Prometo não atrapalhar e me darei por satisfeito se ficar provado que me enganei. Alias, nada me deixará mais aliviado que isso, inspetor. Palavra! — desabafou o cientista.

Dora se vestira com esmero para aquela noite especial. Selecionara um de seus vestidos mais excitantes, com um generoso decote, deixando à mostra o vale tentador de seus seios jovens e rijos.

Olhou-se no espelho. Seus olhos pousaram sobre o crucifixo. Levou as mãos à nuca para soltar o fecho da corrente, mas sorriu travessamente, deixando-a.

Seria desafiador permitir que Vlad fizesse aquilo. Afinal, ele tinha intenção de substituir aquela simples corrente de ouro por um belo e valioso colar de esmeraldas.

Aquela idéia lhe parecia fantástica demais. Por que ele faria aquilo? Afinal, um colar como aquele deveria valer uma pequena fortuna.

Sorriu misteriosamente. Afinal, não seria a primeira vez que um ardente apaixonado a presentearia regiamente. Girou o corpo, observando-se. Era jovem, bonita e provocante. Vlad lhe parecia um cavalheiro, o tipo de homem capaz de valorizar e apreciar dignamente as virtudes de uma bela mulher.

O telefone tocou, sobressaltando-a. Torceu para que não fosse ele, cancelando o encontro. Era Mary Reading, felizmente.

— Pensei que tivesse partido — comentou.

— Pretendia mesmo, mas o assistente do inspetor-chefe telefonou-me, pedindo que ficasse até amanhã. Há uma pessoa que ele deseja que eu conheça. Deve ser a respeito da morte de Susan ainda. Só de pensar sinto calafrios. Você vai mesmo sair esta noite?

— Sim, vou à casa de Vlad, como lhe disse...

— Eu a invejo. Se não estivesse tão assustada, juro como iria ao Old Fisherman...

— Por que não liga para uma de nossas amigas e lhe pede para acompanhá-la esta noite?

— É o que farei, espero! Divirta-se e não se esqueça de contar tudo que houve...

— Esteja certa que o farei — prometeu Dora, com certa maldade, desligando.

O som de uma buzina lá fora a fez correr até a janela. Um carro sóbrio e elegante estava parado diante da casa. Dora passou mais uma vez pelo espelho, deu um último retoque nos cabelos, depois saiu.

A porta traseira do veículo estava aberta. Ela entrou e fechou-a. O motorista a olhou pelo retrovisor.

— O Sr. Vlad a espera, senhorita... — disse, com voz cavernosa.

— Sim, eu sei — respondeu ela, excitada e impaciente.

Por momentos Torg ainda observou aquela beleza atrevida e oferecida, invejando seu mestre e os prazeres que podia usufruir.

Pôs o veículo em movimento, rumando para a casa da colina, onde Drácula os esperava. Algum tempo mais tarde, estacionava diante da mansão. As luzes estavam acesas e a porta principal estava aberta. Quando o ruído do motor cessou, uma figura surgiu no alto da escadaria.

Dora desceu e, por instantes, contemplou com emoção aquele belo espécime masculino.

— Espero que tenha feito uma viagem confortável — disse ele, descendo ao seu encontro.

Aquela voz morna e sensual penetrava os ouvidos da garota, hipnotizada. Ele tomou uma de suas mãos e levou-a aos lábios frios, beijando-a com sensualidade.

— Ótima! — sorriu Dora, enquanto subiam juntos.

Entraram na casa. Drácula fechou a porta atrás de si, depois ficou observando aquela silhueta terrivelmente feminina avançar até o centro da sala.

— É linda! — murmurou Dora, voltando-se para ele.

O crucifixo faiscou em seu colo e aquela luz dourada foi como setas mortais tocando o corpo do vampiro, que cambaleou, apoiando-se à parede.

— O que foi? — indagou ela, correndo para ele.

— Não, por favor, afaste-se — pediu-ele, cobrindo os olhos com as mãos, calafrios intensos percorrendo seu corpo, o fogo do inferno ardendo em sua pele, como que a destruindo.

— Vlad, por favor! — pediu ela, tentando ampará-lo e, no movimento, a cruz tocou a mão do vampiro.

— Afaste-se, maldita! — berrou ele, urrando de dor e apertando a mão onde uma escura mancha se formara como uma queimadura.

— Vlad! — exclamou ela, assustada, recuando, incapaz de compreender o que estava acontecendo.

— Torg sua besta humana! — berrou Drácula, sentindo as influências negativas do crucifixo minarem suas forças rapidamente.

O corcunda entrou por uma porta, o corpo disforme desafiando o equilíbrio. Um olhar para a garota bastou para que entendesse o que aterrorizava seu mestre.

Caminhou para ela e, num golpe violento arrancou a corrente, jogando-a no chão, por onde ela deslizou até debaixo de um móvel.

Dora ficou estática, vendo Drácula erguer-se lentamente, como que recuperado de uma crise misteriosa e violenta. Seu rosto estava pálido e não havia vida em seus olhos.

Torg retirou-se como num passe de mágica. Drácula olhou a garota, percebendo em seus olhos o espanto mortal.

— O que... O que houve? — gaguejou ela, recuando à medida que ele se aproximava.

— O metal... De sua corrente... Há qualquer coisa nele... Magnetismo, talvez. Já ouvi dizer que os metais afetam um tipo especial de pessoa? — argumentou ele, procurando tranquilizá-la.

Quando estendeu a mão para tocá-la. Dora recuou instintivamente, até tropeçar no sofá. Sentou-se, ofegante e surpresa, tentando compreender o que acontecera instantes antes.

Drácula não queria que acontecesse daquela forma. Poderia subjugá-la naquele mesmo momento e satisfazer seus instintos, mas não haveria naquilo prazer especial que planejara para aquela noite.

Desviou o olhar, então, para um pequeno estojo de metal sobre um móvel da sala. Caminhou até lá, apanhou-o depois se voltou e encarou a aterrorizada garota.

CAPÍTULO 7

Dora O'Hara fitou, deslumbrada, aquelas esmeraldas que pendiam das mãos de Vlad Lucard. Ele se aproximou lentamente, com um sorriso cativante nos lábios finos.

— Vlad, são lindas! — exclamou ela.

— Perfeitas para você — disse ele, contornando-a e prendendo o colar ao pescoço dela.

Depois, inclinou sua cabeça e beijou-a no ombro, escorregando sensualmente seus lábios até o pescoço feminino e torneado, arranhando sobre a jugular com suas presas arreganhadas.

Dora encolheu os ombros, arrepiada e excitada, contemplando as pedras verdes que repousavam graciosamente sobre sua pele bronzeada.

— Deixe-me ver como ficou — pediu ela, pondo-se em pé e olhando ao seu redor. — Um espelho, onde encontro um espelho.

Drácula sorriu novamente e caminhou para, tomando-a nos braços, assanhado pelo perfume tentador daquela pele, pela veia intumescida que latejava em seu pescoço, convidando-o a seu banquete de sangue.

Seus lábios roçaram o rosto da garota, rumando para seu pescoço. A volúpia que o invadia era intensa, violenta, carregada de prazer.

Sugou lentamente a pele macia a sua disposição, passeando sua língua sobre a veia principal, sentindo as pulsações ritmadas daquele coração.

Dora esfregou-se a ele, contagiada, fascinada, cheia de uma gratidão que esperava demonstrar em breve. Um homem tão ardente e tão apaixonado merecia seus cuidados especiais.

Suas mãos finas e delicadas firmaram-se às costas dele, subindo até seus cabelos, anelando-os nas pontas sutis de seus dedos.

Sua boca morna e sensual colou-se ao pescoço de Drácula, espicaçando-o. Ele a apertou em seus braços, sentindo seus contornos provocantes.

O desejo macabro que o assaltava não poderia ser contido por mais tempo. Urgia satisfazer-se.

— Venha! — pediu ele, num murmúrio rouco que excitou ainda mais a garota.

Subiram lado a lado a escadaria, depois caminharam pelo corredor até um quarto de porta dupla. Drácula abriu-a e adiantou-se, indo esperar por ela junto ao leito.

Dora olhou ao seu redor. Precisava encontrar um espelho onde pudesse apreciar a beleza daquelas pedras sobre sua pele.

Drácula sentou-se no leito e abriu os braços, convidando-a. Os olhos do vampiro injetavam-se. Estremecimentos percorriam seu corpo. Um fogo intenso ardia em suas veias, entontecendo-o e aguçando seu apetite.

Com um sorriso coquete nos lábios, Dora se aproximou dele, encaixando-se entre aqueles braços que circularam seus quadris. O rosto do vampiro afundou-se em seu ventre, aspirando aquele perfume ardente de fêmea oferecida.

Suas mãos subiram, então, buscando os fechos do vestido, soltando-os e despindo lentamente a garota.

Ela não protestou, oferecendo sua nudez atrevida aos olhos deslumbrados do vampiro. Formas perfeitas, palpitanes, convidativas estavam, então, ao alcance das mãos dele.

— Deixe que eu faço isso agora — pediu ela, as mãos finas e delicadas soltando os botões da camisa negra que ele usava.

Ébrio de prazer, Drácula permitiu que ela o visse nu e depois o abraçasse e se esfregasse a ele numa volúpia sem fronteiras.

Ele retribuiu carícias, os lábios colados ao pescoço dela, sentindo as batidas daquele coração se alterarem e o sangue correr mais rápido naquela veia.

Assim ele a queria, no auge da excitação, quando um rasgo naquela pele macia faria o sangue jorrar direto para seus lábios sequiosos.

O contato daquela pele morna e inquietante contra seu corpo gelado provocava um prazer adicional. Gradativamente, porém, ele foi se concentrando no latejar mais forte do sangue circulando pelo corpo da garota.

Seus lábios se abriam e suas presas roçavam a pele dela, adiando mais uma vez a mordida fatal. Não atacaria uma garota assustada, tolhida, mas aceitaria dela, de livre e espontânea vontade, aquela oferta de sangue que prolongaria sua vida.

— Vlad! — murmurou ela, impaciente e excitada, enroscando seu corpo a ele, oferecendo-se suplicante e vencida.

Drácula ergueu a cabeça e fitou-a nos olhos e foi como se Dora compreendesse o desejo dele. Sua cabeça pendeu para trás e, lentamente, seus olhos se fecharam.

Os olhos do vampiro chamejaram, fitando aquele ponto palpitante. Suas faces e arreganharam e as presas brilhantes e pontiagudas avançaram, cravando-se no pescoço da garota.

Um mesmo estremecimento percorreu seus corpos. Grunhindo e resfolegando, Drácula aspirava o sangue que jorrava da ferida, lambuzando seus lábios, enchendo a boca nojenta e engolindo como se estivesse sufocado, como um animal esfomeado, como uma fera irracional.

Naquela manhã radiante, Mary acordou um pouco mais tarde que o costume. Não saíra na noite passada e tivera que tomar um tranquilizante para poder dormir.

Por qualquer motivo, a lembrança do que acontecera com Susan a atormentara, como se houvesse uma espécie de presságio em tudo aquilo.

Após o banho e um desjejum rápido, dispôs-se a ir a delegacia, atender ao chamado do assistente do inspetor. Julgou, porém, que devesse levar Dora consigo. Afinal, elas estavam juntas na noite em que Susan falara a respeito daquela estranha sensação.

Tudo podia ser um absurdo, mas o temor de Mary ia mais além. Parecia sentir qualquer coisa de sobrenatural envolvida naqueles acontecimentos.

Foi até a casa onde Dora estava hospedada. O carro da garota estava na garagem, mas as janelas ainda estavam fechadas. Bateu e, após aguardar um pouco, sentiu-se tomada de súbita apreensão.

Era como se o que acontecera com Susan estivesse se repetindo. Experimentou o trinco. Estava fechado. Bateu com insistência, preocupada ao extremo.

Voltou para o carro, sem saber que atitude tomar. Talvez estivesse nervosa. Dora poderia estar ainda na companhia de Vlad. Sim, por que não?

Encontraram-se para uma noite de amor. Quem podia estipular um horário para que isso terminasse? Procurou se convencer disso e rumou para a chefatura.

Lá chegando, foi apresentada ao Prof. Hilgenstiller, um homem afável que aparentava uma grande preocupação interior.

Lester pediu-lhe que contasse tudo que acontecera naquela noite. Hilgenstiller a ouviu atentamente, interrompendo-a apenas para que fosse mais precisa na descrição das marcas que vira no pescoço de Susan.

Era doloroso para Mary lembrar tudo aquilo, mas o interesse com que o professor a ouvia a animou a ir até o fim.

Quando terminou sua narrativa, uma mulher entrou na sala do inspetor-chefe, demonstrando grande aflição.

— Preciso falar com o senhor, Sr. Derby! — suplicou ela.

— Está bem, minha senhora. Acalma-se. Qual é o problema?

— É minha amiga, a Sra. Dundee, uma viúva que mora na mesma rua que eu...

— Está bem, o que houve com Sra. Dundee?

— Ela não voltou para casa ontem... Nem passou pela minha casa pela manhã, como sempre faz...

— Quer explicar melhor, senhora? — pediu Charles.

— A Sra. Dundee trabalha de criada, sempre trabalhou, desde que o marido morreu. Eu falei para ela não ir trabalhar naquela casa. Recomendei-lhe isso, depois que me contou as coisas estranhas que aconteciam lá, mas ela sempre foi muito corajosa... Todas as tardes, quando voltava do trabalho, fosse onde fosse, ela passava em minha casa para o chá. Pela manhã, quando saía para o trabalho, fazia a mesma coisa para um dedo de prosa...

— Acalme-se, senhora, assim não consigo entender nada. Onde ela trabalha, afinal? — indagou Charles, tentando acalmá-la para que respondesse.

Lester providenciou uma xícara de chá. A mulher tomou dois goles, depois encarou o inspetor com olhos assustados.

— A casa em Black Hill... É gente estranha, não come, não bebe, não desarruma as camas... O patrão não está durante o dia e há também o porão, onde o corcunda não permitia a entrada.

O professor sobressaltou-se, como se uma descarga elétrica tocasse seu corpo.

— Um corcunda? — indagou, trêmulo de ansiedade.

— Sim, um corcunda todo estropiado e sinistro. A Sra. Dundee dizia que ele...

— Espere um pouco, como é o nome do patrão dela? — interrompeu-a o professor, ajoelhando-se diante da mulher.

— Vlad... Lucard, creio eu...

— Vlad Lucard? Mas é o homem com quem Dora foi se encontrar ontem à noite — informou Mary.

— Espere um instante, alguém quer me explicar o que está havendo, afinal? — gritou Charles, confuso com tantas perguntas e respostas.

— Como disse, senhorita? — indagou o professor, sem dar ouvidos ao inspetor.

— Dora O'Hara, minha amiga. Ela teve um encontro ontem a noite com Vlad Lucard. Hoje, quando vinha para cá, passei pela casa dela e ela não havia voltado ainda...

— Inspetor, temos de ir imediatamente àquela casa — disse o professor.

— Por que afinal?

Em poucas palavras o professor traçou toda sua preocupação a respeito do assunto. Uma mulher desaparecera, uma garota que tivera um encontro na mesma casa ainda não voltara após isso.

Além disso, havia aquele corcunda demoníaco. Hilgenstiller se lembrava muito bem dele. As coincidências eram demais. Um homem que precisava se esconder da luz do dia.

— Acho que vale a pena, inspetor — afirmou Lester. — Não se esqueça que Vlad Lucard é o nome que encabeça a lista dos mais assíduos freqüentadores do Old Fisherman.

— Esperem um pouco! — exclamou o professor, lembrando-se de algo. — Vlad Lucard, Vlad Drácula. Basta inverter o sobrenome. É ele, não

tenho mais dúvidas. Não podemos esperar mais. Somente durante o dia poderemos destruí-lo.

— Também quero ir. Se Dora estiver lá, eu preciso ajudá-la — pediu Mary, em desespero.

— Está bem, apanhe alguns homens, Lester. Vamos todos para lá passar isso a limpo — decidiu Charles Derby.

Torg estava no sótão, olhando-se desanimado nos espelhos, quando ouviu o ruído dos motores. Saiu à janela e contou três policiais. Estremeceu, incapaz de imaginar o que os trazia ali.

Desceu rapidamente e chegou a uma das janelas do térreo, quando os policiais desciam dos veículos. Procurou se acalmar. Que mal aqueles homens poderiam fazer? Bastaria informar que o patrão não estava. Ia rumar para a porta quando, de longe, viu aquele homem alto descer apressadamente e olhar a casa com interesse.

— Aquele maldito! — exclamou, reconhecendo Hilgenstilller. — Como chegou até aqui? — acrescentou, procurando se esconder.

Bateram na porta repetidas vezes. Torg ficou colado à parede. Exporse àquele homem era denunciar Drácula. O professor na certa saberia o que fazer para destruir o mestre.

Do lado de fora, Charles ordenara aos policiais que vasculhassem ao redor da casa. Hilgenstilller subiu a escadaria e foi bater com insistência na porta.

— Parece que não há ninguém aí, professor — gritou-lhe o inspetor.

— Eles estão aí, inspetor, eu tenho certeza. Ordene a seus homens que arrombem esta porta!

— Está maluco! Não tenho autoridade para isso...

— De que precisa, então?

— De uma autorização do magistrado...

— Mande alguém buscá-la...

— Acho que não entendeu a questão, professor. Não posso ir ao magistrado e pedir-lhe um alvará para invadir uma casa, apenas porque suspeito que há um vampiro nela...

— Pelo amor de Deus, homem! — exclamou Hilgenstiller, em desespero. — Não pode entender o que se passa? Não há tempo a perder, vamos ter de vasculhar essa casa para encontrá-lo. Só podemos fazer isso durante o dia, enquanto ele é vulnerável...

Alguns policiais retornaram, após uma rápida vistoria pelos arredores.

— Não há nada suspeito, inspetor — informou um deles.

— E o que procuraram exatamente? — indagou Hilgenstiller, impaciente e intrigado.

— O de sempre... Uma sepultura mal fechada no jardim, coisa assim... — gaguejou o policial.

— Está bem, inspetor. Não pode ir ao magistrado com a minha história. Pois bem, leve, então, a história da moça. Sua amiga não voltou ainda e todas as suspeitas recaem sobre esta casa, além disso, há o caso da criada...

— Sem falar, nas outras evidências — lembrou Lester, convencido de que o professor tinha alguma razão em tudo aquilo.

Um homem não podia se alterar por algo insignificante. O desespero e o interesse de Hilgenstiller pareciam gritar a sinceridade de suas palavras.

— Está bem, farei isso, mas não prometo que consigo essa autorização ainda hoje...

— Pelo amor de Deus! Não se pode esperar...

— O magistrado anda adoentado, talvez ainda esteja no hospital...

— Pois consigo o papel e leve para que ele assine. Mas deixe alguns homens vigiando por aqui. Não podemos deixar que o corcunda fuja. Eu

vou voltar para a cidade também. Há algumas coisas que preciso apanhar em meu quarto, no hotel.

Hilgenstiller estava febril, quando abriu sua mala e retirou dali uma arma e outros objetos. Havia um crucifixo grande, um amuleto feito com alho, uma estaca de madeira e um martelo.

Guardou a arma e o crucifixo no bolso interno do paletó. Passou pelo pescoço o amuleto e embrulhou numa toalha o martelo e a estaca.

Quando ia fechar a mala, qualquer coisa chamou-lhe a atenção. Estacou. Estendeu lentamente uma das mãos e apanhou a moldura.

Levantou o retrato, olhando o rosto meigo da filha. Por momentos o terrível pesadelo daquela noite, quando ela o atacara e tivera de destruí-la rasgando seu coração com um pedaço de madeira, torturando seu coração amargurado.

— Eu prometo que o destruirei, filha — jurou ele, com lágrimas nos olhos, voltando a guardar o retrato no fundo da mala.

Saiu em seguida, tomou um táxi e rumou direto para Black Hill. Os policiais ainda estavam lá, vigiando. Hilgenstiller sabia que teria de passar por eles e entrar na casa.

Não confiava na presteza de Charles Derby. Se aquele mandato demorasse, a noite chegaria e seria tudo mais difícil. Esgueirou-se pelo jardim, abrigando-se sempre que via um dos guardas.

Aproximou-se de uma das janelas e forçou-a. Estava trancada por dentro. Tentou outra inutilmente. Estava trêmulo e ansioso.

Esbarrou num tronco e, por momentos, fitou os galhos que subiam e pendiam favoravelmente sobre uma das janelas. Com um pouco de sorte não seria descoberto pelos guardas.

Prendeu o martelo e a estaca ao cinto e começou a subir, as forças duplicadas pela importância da missão que tinha diante de si.

CAPÍTULO 8

A noite chegara e um clima irrespirável pairava no interior da casa, como se suas paredes pressentissem, finalmente, a presença do demônio.

Torg estava à porta da sala, aguardando Drácula acordar. Atrás dele, desacordado e despojada de suas armas estava Hilgenstiller. Torg percebera sua chegada e o atingira quando entrava pela janela.

Arrastara o corpo até o porão. Hesitara em matá-lo imediatamente, mas acabou julgando que esse prazer deveria ser reservado ao príncipe das trevas.

Um estremecimento percorreu o corpo do vampiro e suas mãos se ergueram, apoiando-se às beiradas do ataúde. Ele se ergueu, pondo-se em pé. Viu Torg.

— Mestre, estamos em perigo. Fomos descobertos...

— De que está falando?

— Dele — apontou o corcunda.

Drácula aproximou-se lentamente do professor e fitou-o demoradamente.

— Você o matou?

— Não, mestre. Deixei esse prazer para o senhor.

— Fez bem — sorriu o vampiro, inclinando-se para o professor.

Odiava-o, pois quase fora destruído por ele. Queria vê-lo morto e, para isso, bastaria fechar suas mãos ao redor de seu pescoço e apertá-lo.

Hilgenstiller era, porém, um grande inimigo. Sua morte merecia consideração. Era preciso que a vítima sentisse pavor, pedisse clemência, suplicasse por sua miserável vida.

— Prepare tudo, vamos embora logo mais Torg.

— Mestre, a polícia está lá fora...

— Ora, Torg, são apenas alguns homens.

— Uma garota veio com eles também.

— Uma garota? E como era ela?

Torg descreveu a figura de Mary. Drácula se lembrou dela.

— Eu a conheço. Ela ousou denunciar-me? Como teria descoberto alguma coisa?

— Não sei, mestre, mas vou cuidar de tudo para nossa partida.

— Feche este homem na sala do ataúde. Quero encontrá-lo acordado quando retornar. Vá para Londres. Há um castelo abandonado em Coventry. Nós nos encontraremos lá. Cuide de todos os detalhes necessários para minha permanência, meu servo fiel — ordenou Drácula, caminhando pelo corredor até a sala às escuras.

Uma fosforescência iluminou seu corpo e, no momento seguinte, a forma negra e macabra de um grande morcego fazia escorregar as cortinas da janela.

Mary foi até o banheiro e tomou uma pílula. Estava assustada e preocupada. Temia pela sorte de Dora que, possivelmente, tivera o mesmo trágico destino de Susan.

Arrepios percorriam seu corpo, quando retornou ao quarto e preparou o leito. As palavras do professor a respeito daquele ser infernal ainda feriam seus ouvidos. Queria dormir o mais depressa possível. Só assim aquela noite chegaria ao fim e ela poderia partir.

Reservara passagem no primeiro trem do dia seguinte. Partiria para Londres. Talvez mudasse de vida. Ser uma garota de programas estava se tornando perigoso demais.

Vestiu sua camisola. Pensamentos fúnebres tomavam de assalto sua mente, inquietando-a. Ia se deitar, mas resolveu fazer algo antes.

Foi até o armário e retirou sua mala. Vasculhou-a até encontrar o que procurava. Prendeu o rosário em suas mãos e caminhou para o leito.

Desligou as luzes e começou a desfiar as contas, enquanto orava. Não sabia exatamente a quem dedicar aquelas preces, mas Susan, Dora e ela própria precisavam delas, com certeza.

Uma sensação angustiante invadiu-a, como se as orações fossem incapazes de afastar o que a oprimia. Nitidamente, dentro da noite, pareceu ouvir um bater de asas.

Imediatamente lembrou-se da impressão narrada por Susan, uma noite antes de sua morte. Era isso exatamente o que sentia agora.

Uma força maligna envolvia toda a casa, forçando as paredes, buscando uma passagem. Qualquer coisa arranhou a janela. Seu sangue gelou e um grito parou em sua garganta. Um suor incômodo foi cobrindo seu corpo, enquanto se encolhia no leito e apertava em suas mãos o rosário.

Ouviu ruídos na porta da rua, como se alguém girasse o trinco. O pavor foi extremo, fazendo-a sentar-se num salto e procurar o interruptor do abajur.

Seu coração saltara do peito. Ela se lembrou do telefone na sala. Levantou-se rapidamente, os nervos à flor da pele, um tremor angustiante abalando seu corpo.

Abriu silenciosamente a porta de seu quarto. Por instantes fitou sem compreender aquela estranha luminosidade junto à porta.

Ela tomava o formato de um corpo humano. Estática e incrédula, Mary viu diante de si a figura fascinante, mas ameaçadora, de Vlad Lucard.

Não compreendia como aquilo tinha ocorrido. A porta estava intacta. Aquela luz... Era sobrenatural!

Bateu a porta do quarto e correu para o leito, encolhendo-se e buscando o rosário. Repentinamente, a luz do abajur se apagou. Mary tentou gritar, mas era como se qualquer coisa sufocante obstruísse sua garganta.

Ela ficou olhando para frente, enquanto, diante da porta, surgida não soube de onde, aquela fosforescência foi crescendo e ela adivinhou de imediato qual forma seria tomada. Viu Vlad Lucard olhá-la ameaçadoramente, depois a escuridão voltou. Uma respiração pesada, opressiva, assustadora foi se aproximando do leito.

— Oh, meu Deus! Livra-me do inferno e de satanás — suplicou ela, num murmúrio ininteligível.

Uma gargalhada estridente e zombeteira explodiu no aposento, arrancando lágrimas desesperadas de seus olhos, abalando seu corpo num calafrio que permaneceu, eriçando seus cabelos e sua pele.

— Olá, Mary! — disse a voz de Vlad Lucard, mas todo aquele sensualismo que ela conhecera havia desaparecido de sua voz e um tom perverso a fez compreender seu destino.

Ela viu, os olhos de Drácula, chamejantes como duas línguas de fogo, assustadores como os olhos de uma fera noturna, um carniceiro faminto e assassino, um demônio destruidor. Ergueu as mãos diante do rosto, tapando a visão daqueles olhos. Um urro desumano ecoou pelo quarto, enquanto passos trôpegos soavam como se Vlad cambaleasse pelo quarto.

Mary percebeu, então, o rosário e a cruz em suas mãos. Aquilo intimidava o ser demoníaco, que se fez luz diante de seus olhos para desaparecer no momento seguinte. Restou um silêncio pesado. A luz voltou tão misteriosamente com se fora. Mary olhou o rosário e a cruz, apertando-os contra o peito e desabafando todo o seu medo num pranto descontrolado.

Hilgenstiller acordou com uma terrível dor no alto da cabeça. Sentou-se, apoiando as costas contra a parede, depois passeou os olhos turvados pelo aposento vazio. Aguardou até que a lucidez lhe voltasse. Lembrou-se, então, daquela sombra disforme que se aproximara dele. Fora o corcunda, o maldito corcunda que o atingira.

Apalpou seus bolsos, à procura de suas armas. Estava sem elas. Levou a mão ao pescoço. Não fora atacado. Por que estava vivo ainda? Não conseguia compreender, a lógica lhe dizia que deveria estar morto naquele momento. Levantou os olhos para a porta. Era de madeira sólida, impossível de ser arrombada. Sabia, no entanto, que precisava sair dali, antes que o pior acontecesse. Ergueu-se lentamente e foi até lá. Uma esperança animou-o ao perceber que os pinos das dobradiças ficavam no interior do aposento.

Sae pudesse removê-los, faria a porta desabar. Olhou ao redor. Nada havia que pudesse ajudá-lo naquela tarefa. Apalpou novamente seus bolsos. Olhou a fivela do cinto. Talvez houvesse uma chance. Retirou-o e improvisou uma alavanca com o metal da fivela. Para sua felicidade, o primeiro pino cedeu facilmente. O segundo, no entanto, parecia mais firme.

Hilgenstiller retirou um dos sapatos e usou o primeiro pino para expulsar o outro do orifício, batendo com o salto. Pouco a pouco aquele pino foi cedendo, até cair, finalmente. Passou ao terceiro pino, que não oferecia resistência. Mais algumas tentativas e a porta cedeu. Com cuidado e esforço, Hilgenstiller a retirou de seus gonzos, afastando-a.

Saiu para o corredor. Tudo estava em silêncio. Ele avançou cautelosamente na direção da outra porta. Abriu-a. A sala estava às escuras, mas o luar penetrava generosamente pelas janelas, tornando possível orientar-se. Avançou na direção da porta de saída. Subitamente, como um castigo que viesse do céu, uma forma negra e macabra penetrou pela janela aberta, resvalando no professor e jogando-o no assoalho.

Hilgenstiller arrastou-se, horrorizado, fitando aquela metamorfose inacreditável. Da figura grotesca do morcego surgiu Drácula cujos olhos chamejaram, fixos no professor.

— Sua vida está em minhas mãos — rosnou Drácula, possesso.

— Socorro! — gritou o professor, com todas as suas forças.

Uma gargalhada sinistra ecoou pelas paredes da casa, enquanto Drácula caminhava para ele.

— Ninguém o ouve, professor. Ninguém o ouvirá — disse o vampiro, rouco de fúria.

Hilgenstiller tentou se levantar. A mão pesada e cruel do vampiro bateu contra sua cabeça, fazendo-o rolar pelo assoalho. A gargalhada sinistra se repetiu, como que zombando de seu desespero.

— Oh, meu Deus! — suplicou ele, tentando erguer-se novamente.

Drácula o empurrou, fazendo-o rolar outra vez. Como um gato jogando com um rato, o vampiro o perseguia, jogando-o ao chão a cada nova tentativa, golpeando-o com sua mão pesada como um martelo. Viu-se, finalmente, acuado a um canto. O vampiro se aproximou lentamente, como que saboreando o terror que se estampava nas faces do cientista. Movido pelo desespero, Hilgenstiller gritou e avançou contra ele. Drácula riu, jogando-o mais uma vez no assoalho. Hilgenstiller rolou, indo bater a cabeça contra um móvel.

A procura de apoio, suas mãos deslizaram pela madeira, mas ele tombou novamente, quando o vampiro pisou sobre seu peito. O professor compreendeu, então, a inutilidade de sua resistência. Suas mãos deslizaram sobre a madeira do assoalho. Qualquer coisa fria tocou uma delas. Incrédulo, ele segurou entre seus dedos aquele objeto milagroso. Era uma cruz, era a cruz de Dora O'Hara. No momento em que o monstro se inclinou sobre ele e suas mãos procuraram a garganta do professor, este levantou a cruz, tocando o peito que se debruçava.

Num urro dolorido, Drácula ergueu-se num salto e cambaleou para trás. Hilgenstiller se pôs em pé, animado pela força daquela arma divina, indo em perseguição a ele.

— Jamais me destruirá — rosnou Drácula e a fosforescência iluminou seu corpo — Mas eu o destruirei um dia — ameaçou.

— Veremos, demônio! — gritou o professor, atirando a cruz contra aquela luz infernal.

Era tarde, porém. Uma forma negra esvoaçou pela sala, depois escapou pela janela. Hilgenstiller correu até lá, a tempo de ver aquela ave ameaçadora delinear-se contra a luz da lua e sumir. Só então percebeu o quanto fora excessivo todo aquele esforço para seu velho corpo. Deslizou lentamente pela parede, enquanto ouvia o ruído de motores se aproximando.

Charles o olhava com certa reserva, quando entrou na sala. A um canto. Lester parecia desanimado. O professor se aproximou da mesa do inspetor-chefe e encarou-o.

— Queria ver-me?

— Sim, professor. Sente-se, por favor.

Hilgenstiller acedeu. Havia qualquer coisa perturbadora no ar, talvez, nas expressões dos dois policiais.

— Está bem, professor?

— Sim, depois de uma boa noite de sono.

Charles pigarreou, olhando na direção de seu assistente. Voltou a olhar o professor, em seguida.

— Deve ter percebido que nós fizemos tudo para que repousasse em paz...

— Sim, eu agradeço isso, mas acho que não me chamou aqui só para dizer isso, não?

— Sim, acertou — respondeu Charles, ligeiramente embaraçado, levantando-se virando as costas para o cientista. — sobre sua versão, professor, é tão fantástica quanto aquele seu relato. Mas...

— Mas o quê, inspetor? — intrigou-se Hilgenstiller.

— Mas não deve repeti-la a ninguém, nem aos repórteres que, por certo, vão procurá-lo.

— Não estou compreendendo! — exclamou o professor. — Você sabe muito bem o que eu passei lá, você sabe muito bem com o que nos envolvemos. Aquele ser monstruoso e desumano está solto por aí, ameaçando as pessoas e precisa ser destruída. Negar isso à humanidade é tão cruel quanto ocultar a verdade a um condenado.

— Acho que não entendeu, professor. Tudo isso é muito fantástico, é absurdo demais para ser divulgado. Haveria pânico...

— Pense nas futuras vítimas, pense em suas famílias — apelou o cientista.

— É inútil, professor — falou Lester, constrangido.

— Devem estar malucos. Direi toda a verdade ao primeiro repórter que me perguntar. Eu prometo! — ameaçou.

— Nesse caso, estou certo que terá de enfrentar uma situação embaraçosa, professor. Responderemos suas afirmativas com um laudo médico. Um laudo que atesta sua insanidade.

— Isso é chantagem!

— Entenda como quiser, professor — disse o inspetor.

— E pior que isso, Sr. Derby. É covardia! — finalizou Hilgenstiller, abandonando a sala.

Rumou direto para a ferroviária. Queria se afastar o mais depressa possível daquela cidade. Quando apanhou seu talão para embarcar, percebeu a chegada de Mary. A garota o encarou, como se compreendesse aquele desespero interior que marcava o rosto do homem. Depois abaixou a cabeça e passou por ele.

FIM DO LIVRO TRÊS

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçônico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasomagodasletras.net